



DISCÍPULAS E DISCÍPULOS NOS CAMINHOS DA MISSÃO:  
*Empenham-se pelo fim do racismo e do preconceito*



Ano I • Número 01 • Novembro de 2024 || Publicação da Secretaria Regional de Igualdade Racial da Igreja Metodista - 4ª R.E.

# Igualdade Étnica:

*Os Metodistas no Combate  
ao Pecado do Racismo*





# SUMÁRIO

## 1. O QUE É RACISMO? 9

SEGUNDO A ÓTICA DE UM BRANCO 10

PELA PERSPECTIVA DE UM NEGRO 12

A BÍBLIA E O RACISMO: O ANTIGO  
TESTAMENTO, AS RAÍZES DO RACISMO E  
SUA INTERPRETAÇÃO 13

O NOVO TESTAMENTO: JESUS E O RACISMO 15

O RACISMO HISTÓRICO E SEUS  
DESDOBRAMENTOS 17

O MINISTÉRIO E A SUPERAÇÃO DE UM  
PASTOR NEGRO 19

PARA QUE SEJAMOS UM 21

## 2. O RACISMO: SEUS IMPACTOS E CUIDADOS PASTORAIS 23

IMPACTO SOCIAL E FAMILIAR 24

IMPACTO RELIGIOSO: ENTENDENDO O  
SUPREEGO 26

IMPACTO EDUCACIONAL 28

IMPACTO EMOCIONAL 30

IMPACTO ECONÔMICO 31

IMPACTO POLÍTICO: FÉ E CONSCIÊNCIA  
EDUCADORA PARA A VIDA 33

IMPACTO NO MINISTÉRIO PASTORAL  
FEMININO 34

IMPACTO NA VIDA DA MULHER E LÍDER  
NEGRA 37

IMPACTO NO ESPORTE 39

## 3. NÓS, METODISTAS 41

IGREJA METODISTA:  
AS CONTRIBUIÇÕES PARA ABOLIÇÃO DA  
ESCRAVATURA NO BRASIL 42

A IGREJA METODISTA: O COMBATE AO  
RACISMO, AS LEIS E SEUS DOCUMENTOS 45

A QUESTÃO DOS “PRETOS” NA AUTONOMIA  
DA IGREJA METODISTA 46

PASTORAL NACIONAL DE COMBATE AO  
RACISMO: IGREJA METODISTA NO BRASIL 48

CAPELANIA METODISTA PROMOVENDO  
IGUALDADE RACIAL 50

CAPELANIA ESTUDANTIL 51

CAPELANIA HOSPITALAR 53

CAPELANIA MILITAR 54

METODISMO EM MINAS GERAIS: UM POUCO  
SOBRE A VIDA E O TRABALHO DO REV.  
FELIPPE REVALE DE CARVALHO 55

IGREJA METODISTA NÃO COMPACTUA  
COM O RACISMO 57

ENTREVISTA: PROFESSOR CARMELINDO  
RODRIGUES DA SILVA:  
FUNDADOR DA PASTORAL DE COMBATE AO  
RACISMO NA 4ª R.E 59

PRETO = COR  
NEGRO = ETNIA  
RAÇA = HUMANA 62



ISBN: 978-65-985628-0-9

#### EXPEDIENTE

##### Coordenação Geral:

*Rev. Ozéas da Silva Alvarenga*

##### Editor

**Jornalista Responsável**

*Billy Fádel (MTb. 15.477)*

##### Apoio Editorial:

*Alexandre Landim de Souza*

**Capa, Ilustração, Projeto Gráfico,  
Diagramação e Revisão:**

*Billy Fádel*

##### Publicação:

Editora Humor Vítreo



**Revmº. Bispo Bruno Roberto Pereira dos Santos**  
*Presidente da AIM 4ªR.E.*

**Rev. Ozéas da Silva Alvarenga**  
*Secretário Regional de Igualdade Racial 4ªR.E.*

#### ORGANIZADORES

Rev. Billy Fádel Machado Rampinelli

Rev. Ozéas da Silva Alvarenga

Alexandre Landim de Souza

#### COLABORADORES/AS

Revmº. Bispo Adriel de Souza Maia

Rev. André Luiz da Silva

Rev. André Yuri Gomes Abijaudi

Profª. Aparecida Elaine Fabiano

Rev. Cilas Ferraz de Oliveira

Revª. Claudia Cristina Ferreira Souza

Rev. Filipe Montuan

Rev. Gean Luiz Peroni Brandão

Rev. Gercymar Wellington Lima e Silva

Rev. Jasson Santos de Azevedo

Revmº. Bispo João Alves de Oliveira Filho

Rev. João Marcos Garcia de Matos

Rev. José do Carmo da Silva - Mano Zé

Rev. Jovanir Lage

Rev. Juarez Ferreira de Jesus

Rev. Laércio Rodrigues Santana

Revª. Luciana Soares Rêgo

Revmº. Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa

Revª. Mara Ferreira de Araújo Pedro

Profª. Patrícia Marins

Revª. Rosemary Barbosa

Revª. Sabrina Garcia Montuan

Psi. Tiago Lucas de Souza e Silva

Vladimilson Pereira de Souza Junior

Rev. Welfany Nolasco Rodrigues

# EDITORIAL

**O** Brasil é um país culturalmente racista. A ideia distorcida de que uma etnia é melhor e superior a outra, é a grande responsável por essa doença social que chamamos de racismo. É de se destacar, que desde os tempos de Gênesis, nos capítulos 6 e 9, já se fala dessa mortal condição social, política e familiar, onde, por meio de uma dolosa e falsaria exegese, que quem tivesse mais pigmentação cutânea, seria marcado para viver dias de implicância, perseguição, captura, escravização e morte.

É triste pensar, mas, essa história se fez verdade durante séculos, levando missionários europeus e calvinistas no século XIX, invadirem a África, colonizarem 52 países, dizendo que estavam ali em nome de “Deus”, e em nome desse deus, demonizaram o povo preto, afirmando que eles eram escurecidos pelo poder do pecado deles ou de seus pais, e esse castigo, só seria perdoado se eles servissem a um povo branco, livre de qualquer culpa e maldição. É triste pensar que até os dias atuais há quem acredite nisso e leve isso a sério, propagando a maior falácia que a história já registrou e tendo seríssimas consequências, sendo no Brasil, a princípio até 13/05/1888.

A igreja evangélica tem sua culpa, pois, ao longo dos anos, desfrutou das benéncias do período escravocrata em todo mundo. No Brasil, vai-se além, pois acima do desfrute, os “crentes” brasileiros se vestiram do manto da indiferença, como se não conhecesse bíblia e nunca tivessem lido: Gêneses 1.27, Salmos 133, João 3.16, Romanos 10 e etc.

A Pastoral de Combate ao Racismo da Igreja Metodista na 4ª Região Eclesiástica, por meio de alguns pastores, alguns membros e membras pretas e brancas, entendendo que temos um compromisso social, político, educacional e principalmente cristão, escreveram textos objetivos e claros, que evidenciam o valor da vida e da vida de pessoas pretas e de toda essa etnia, desde os primeiros registros bíblicos até os nossos dias. Esse documento é uma coletânea de artigos, os quais forma feitos com suma responsabilidade, combatendo formas de racismo por meio de análises exegéticas, hermenêuticas e responsáveis. Sobretudo a partir da meditação bíblica e a ação pastoral.

É de se perceber o amor dessas pessoas e o respeito que as mesmas tiveram na composição desse trabalho, o qual levou muito em consideração, princípios como: respeito, moralidade, esperança, experiência com Deus, chamado e a busca por um mundo melhor por meio dos registros e os apelos legais.

Término registrando que as leis de combate ao racismo, existentes no Brasil, são fruto de trabalho e aplicações do povo preto e com participação da igreja evangélica, e ainda assim, de forma tida como rebelde. Assim foi em 1951, quando o deputado Afonso Arinos, estabelece a Lei 1.390/51, que leva seu nome. Pois, foi questionado por uma atriz negra e americana, a respeito do combate ao racismo brasileiro, depois de uma situação vexatória, as portas do Copacabana Palace. Assim foi em 1989, a lei 7.716/89, que leva o nome de Lei Caó, do Deputado federal Carlos Alberto de Oliveira. O deputado por meio de seu registro, afirma ser crime e pede prisão para praticantes de preconceito e discriminação racial. E em 2023, o presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva, sanciona a lei 14.532, onde tipifica e aumenta a pena para crimes de racismo e preconceito. **PARA TODOS OS MOVIMENTOS, HÁ PRESENÇA E AÇÃO DE PESSOAS PRETAS.**

Em meio a tanto, convido a leitura desses textos, os quais nos ensinam e nos motivam a melhores pessoas, melhores cristãos, sobretudo, pessoas esclarecidas, preparadas para esclarecer.

Boa leitura,

*Rev. Ozéas da Silva Alvarenga*



# APRESENTAÇÃO

§ *Profª. Patrícia Marins\**

**N**a história do Brasil, ser negro é um grande desafio. O negro sofre em todas as áreas, linhas de comportamento e principalmente em todos os ambientes. É triste pensar que dentro dessa realidade, Brasil racista, as mais e diversas respostas são dadas, no desejo de que seja imposta que o Brasil não é um país racista.

Há ciência de todos, que o povo negro no Brasil, foi responsável pela construção desse país, dentro das mais incisivas dificuldades. Foram SIM, negros e negras, que estavam nas senzalas, entulhados e sendo tratados aos restos e dados aos ratos, sem a menor preocupação de seus donos. Foram SIM, negros e negras, que abriram estradas, sendo muitos, atacados e mortos por animais selvagens. Foram SIM, negros e negras, que construíram casas colossais, pertencentes aos barões do Brasil, de sol a sol, sem direito a água ou digna comida.

Foram SIM, negros e negras, que provaram alimentos vindos de outros países, e muitos, por ingerirem comidas vencidas, morreram, e se quer tiveram direito a um enterro. Foram SIM, negros e negras, que durante mais de 300 anos, vivenciaram as mais baixas condições de vida. São SIM, negros e negras, que em meio a vida, até hoje, precisam gritar para serem percebidos. São SIM, negros e negras, que ainda hoje, são desmotivados à lutarem pelos seus próprios sonhos e realizações. São SIM, negros e negras, que em pleno século 21, lutam por espaços de fala e contra todo tipo de racismo. São SIM, negros e negras, as únicas vítimas do chamado racismo estrutural.

A Igreja Metodista na 4ª Região Eclesiástica, vem a público, por meio de pastores, pastoras e seus demais membros e amigos, em áreas diversas, se posicionar, ratificar que racismo existe SIM e registrar seus argumentos, no desejo de que essa doença social, seja confrontada, condenada e extirpada do nosso meio, mesmo sabendo que esse é um sonho ainda longínquo. A Igreja Metodista não compactua com esta forma desse desvio de pensamento, sentimento e comportamento. O RACISMO OU PRECONCEITO SÃO PRAGAS À SEREM COMBATIDAS.

Entendendo preconceito e racismo como parceiros, afirmamos que se complementam, pois um julga e condena erroneamente, e outro, covardemente ratifica e chancela para toda a vida, sempre como não importante, menos valioso, simplório, desprezível e até, pronto para ser esquecido. Para a Igreja Metodista, preconceito e racismo são formas mortais de lidar e desconsiderar pessoas ou afins. Por isso, essa igreja por meio dessa pastoral, lança esse documento esclarecedor, entendendo que é apenas o primeiro de muitos.

Neste trabalho, foi abordado questões históricas, bíblicas e analíticas. Autores e autoras, com formação além da teológica, conseguiram abordar o tema do racismo e do preconceito de forma especificada, e deram, além de respostas para tanto, forma muito felizes em apresentar a bíblia como fonte de respostas para esse mal social. Tivemos a oportunidade de entrevistarmos pessoas que nos trouxeram grandes informações. É desejo de nossa coordenadoria, que em meio a leitura desse trabalho, você se atualize das formas malignas de preconceitos e racismos, e que você seja uma

atalaia em meio a esse mundo mentiroso, e que faz do racismo e preconceito, meio de novidade, entretenimento e até lucro.

Na atual sociedade, onde certos princípios foram confrontados e houve até uma iniciativa de rever, recontar e um novo registro da história desse país, onde falou-se que no Brasil não houve escravidão, não houve tempos de chumbo e até não há racismo, é de se considerar a necessidade de um posicionamento firme de nossas sérias instituições, muito em especial, a igreja. Escrevemos esse documento com uma preocupação, e no desejo de que se essa falácia, for implantada, seremos vítimas mais uma vez de um processo de escravização, e dessa vez, sobretudo, intelectual. É vale ressaltar que esse tipo de escravidão é a pior. Pois, o futuro será um plano nebuloso e indecifrável. Seremos reféns, cegos e guiados pelas mãos mais covardes possíveis.

Em um Brasil, onde há 54% de pessoas negras, não podemos ouvir e assistir tal posicionamento, seja ele político, social, familiar e até “cristão”, uma vez que todos estão embebedados pelas hóstias da maldade e da escravocracia, prosperando em meio ao nosso desconhecimento e letargia. Isso não pode acontecer!

Convido você a ler, estudar, conhecer autores plausíveis, destacáveis e comprometidos com a história e a palavra de Deus, a qual nos traz liberdade, esperança, paz e amor. Serão 60 páginas de informações e crescimento bíblico, acadêmico e social, os quais nos darão condições de sermos mais e melhores promotores da igualdade, fraternidade e comunhão.

Boa leitura, abraços!



*\*Graduada em Matemática pela UFRJ, Pós graduada em Economia Social, Gerente de investimento Banco do Brasil, Agente facilitadora da ONG Mulheres Pretas - R.J, Representante no G20 Social 2024 - Projeto Afrolatinos*



# O QUE É RACISMO?

# SEGUNDO A ÓTICA DE UM BRANCO

§ *Rev. André Yuri Gomes Abijaudi\**

**E**m pleno século 21, parece algo redundante definir o que é racismo em termos conceituais e etimológicos. Mas, muitas vezes, o óbvio precisa ser dito. Especialmente quando concluímos, diante de fatos e histórias, que o racismo e a violência estrutural contra pessoas negras e marginalizadas ainda são problemas em curso em nossa sociedade. Assim, poderíamos repetir o óbvio e afirmar que racismo é o preconceito contra pessoas por seu tom de pele, traços físicos e etnia, que remetem à ideia de que uma pessoa, ou um grupo de pessoas, sejam inferiores e consequentemente desvalorizadas por conta disso.

No Brasil, inserido no contexto da América Latina, o racismo contra pessoas negras se tornou um problema estrutural a partir das grandes navegações iniciadas no período da Idade Média, que violentou e escravizou os povos africanos, e os arrastou para longe de suas terras. De quatro a cinco milhões de africanos foram escravizados e trazidos em cadeias pelos portugueses ao Brasil, visando solucionar o “problema econômico” da escassez de mão de obra necessária para o plantio de cana-de-açúcar e algodão. Além disso, um problema social também foi atendido com a escravização de mulheres africanas que se tornaram caseiras, concubinas e amantes dos portugueses. Por isso, a violência praticada pelos europeus contra africanos encontrou uma de suas piores faces na escravização praticada pelos portugueses. Tratava-se de uma violência não apenas física, mas também cultural e religiosa, que feria o ser

humano africano na mais profunda dignidade de sua humanidade.

Mesmo com a abolição da escravatura, proclamada em 1888, por meio da Lei Áurea, o problema do racismo não foi solucionado. Isso porque, os escravizados que foram libertos, não receberam qualquer compensação financeira pelos séculos de trabalhos realizados, quer individualmente, quer por suas famílias e antepassados. Tampouco foi realizada qualquer reforma agrária, que promovesse uma redistribuição das terras dominadas e acumuladas pelos grandes latifundiários. Assim, os negros, embora libertos, continuaram marginalizados e segregados na sociedade brasileira, dando origem, por exemplo, às favelas e comunidades periféricas, e servindo como base de sustentação da sociedade através de serviços braçais. Por isso, a segregação social brasileira foi construída a partir da associação da negritude à pobreza.

Diante deste cenário, podemos concluir, teologicamente, que o racismo não é apenas um problema social, mas é, essencialmente, um pecado a ser combatido. Assim, a fé cristã tem a missão de encarnar o espírito profético do Evangelho para combater o racismo através de uma postura corajosa de compromisso e ação evangélica. O próprio Jesus, através de seu ministério, combateu o racismo perpetuado pelo povo judeu contra os samaritanos. Contudo, não se combate ao racismo apenas em circunstância pontuais, quando ofensas e injúrias raciais são proferidas. Obviamente, isso precisa ser denunciado. Entretanto, o verdadeiro embate a

ser realizado é contra as estruturas que continuam desfavorecendo pessoas negras e impedindo-as de ocupar vagas em escolas, trabalhos, e, também, em posições sociais e hierárquicas.

É preciso reconhecer que o povo negro também tem voz e precisa ser ouvido como agente de sua própria libertação. É fundamental que se denuncie profeticamente as estruturas de injustiça presentes na sociedade, a fim de promover vida plena e abundante para todas as pessoas. E, para essa missão, é preciso encarnar a missão do Reino de Deus tal qual Jesus o fez. A igreja não pode calar-se diante do problema do racismo, em nenhuma das instâncias nas quais ele se manifesta. Os seguidores e seguidoras de Jesus de Nazaré não podem se omitir diante das estruturas pecaminosas que silenciam e marginalizam as pessoas negras. É preciso lutar ao lado delas para garantir seu direito de voz. É preciso exigir que a sociedade brasileira lhes proporcione o acesso à vida digna como direito fundamental concedido por Deus.

É primordial que haja, em nossas igrejas e sociedades, um arrependimento legítimo do pecado do racismo, pois, somente o legítimo arrependimento promove verdadeira transformação. Assim, é preciso reconhecer que a teologia herdada no Brasil, e trazida pelos europeus e norte-americanos é majoritariamente branca e colonizadora. Basta observar que, nas imagens e pinturas do catolicismo, Jesus, um cidadão da Galileia, é retratado com traços europeus, cabelos loiros e olhos claros. Ou, ao analisarmos a história do movimento pentecostal no Brasil, podemos constatar que os pregadores pentecostais sofreram preconceito por parte das denominações protestantes históricas, que o consideravam um movimento de “pessoas negras”, carentes de civilidade e racionalidade. Nada mais inverídico e preconceituoso.

É preciso abdicar dessa teologia colonialista para promover uma reflexão evangélica que esteja fundamentada nos valores do Reino de Deus de amor, perdão e reconciliação para todo ser humano, independente de sua origem, raça ou etnia. É preciso compreender, como o apóstolo Pedro, que “Deus não faz acepção de pessoas” (Atos 10.34). Deus ama todas as pessoas, e a todas oferece salvação e libertação. Assim, tal qual John Wesley, precursor do movimento metodista,

em sua última carta escrita em vida, em 24 de fevereiro de 1791, endereçada ao parlamentar William Wilberforce, entendemos que é Deus quem nos guia e nos fortalece na luta contra o pecado do racismo. Que Ele use Sua igreja no combate deste mal, e no anúncio do Reino de vida, paz e justiça a todas as pessoas.

*\*Teólogo e Pastor da Igreja Metodista em Santos Dumont – MG*

# PELA PERSPECTIVA DE UM NEGRO

§ *Vladimilson Pereira de Souza Junior\**

**O**lhe ao redor. Contemple as marcas que o tempo não consegue apagar, será que você consegue enxergar além daquilo que vê? Aqui no Brasil, o racismo não é apenas uma mancha em nossa história, é uma ferida aberta que não cicatriza e insiste em sangrar. Desde os tempos coloniais, nossas terras foram marcadas pela brutalidade da escravidão, deixando um legado de opressão, desigualdade e violência que ainda ecoa em nossos dias de forma estrutural, isso não exige reflexão ou intenção para praticá-lo, se não houver empenho pelo fim do racismo e preconceito, seremos engolidos pelo sistema. O racismo não é uma questão do passado, é uma realidade presente, enraizada nas estruturas de poder e perpetuada pela ignorância e indiferença.

Mas o que dizer daqueles que nunca carregaram os grilhões da escravidão, daqueles que nunca viram suas famílias sendo separadas pelo chicote do opressor? Mesmo para aqueles que não viveram diretamente sob o jugo da escravidão, as cicatrizes emocionais e psicológicas do racismo persistem. É a dor de ser constantemente marginalizado, de ter suas conquistas desvalorizadas e suas aspirações limitadas pelo preconceito e pela discriminação. Da boca de uma inocente criança preta se pode ouvir: “Eu não gosto da minha cor”, “Eu não gosto do meu cabelo”.

Essa herança invisível do racismo é uma carga pesada a ser carregada, uma sombra que paira sobre cada conquista e cada sonho. Quando foi que ser preto ou preta virou vergonha? Precisamos reconhecer e confrontar essa realidade se quisermos verdadeiramente avançar como sociedade e principalmente como filhos e filhas de Deus na

manifestação da vontade de Deus na terra como já é realidade no céu. E o que a Bíblia tem a dizer sobre tudo isso? Em suas páginas encontramos a mensagem clara de que Deus ama a todos, independentemente de sua etnia. Aliás, nela lemos:

*E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e com o teu sangue nos compraste para Deus de toda a tribo, e língua, e povo, e nação; Ap. 5.9*

Deus valoriza cada indivíduo como Sua criação intencional. O racismo não tem lugar no coração de Deus, porque ser preto ou preta não é um erro genético ou maldição, e aqueles que se dizem seguidores de Cristo devem refletir esse amor incondicional em suas atitudes e relacionamentos. Se alguém nos considerar inimigos, a orientação de Jesus em Mateus 5 é que “amemos”, por que da nossa parte, “...a nossa luta não é contra seres humanos, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais.” (Efésios 6.12).

À medida que refletimos sobre a história do racismo no Brasil, sobre suas algemas emocionais, e sobre o amor de Deus manifesto por meio de Cristo, somos confrontados com um desafio inegável: O racismo não é apenas um problema social ou político, é uma questão moral que exige uma resposta pessoal e coletiva, porque racismo além de crime, é pecado.

Devemos nos comprometer a confrontar nossos próprios preconceitos e privilégios, a defender a justiça e a igualdade para todos, e a ser agentes de transformação em nossa sociedade. Que possamos nos unir em solidariedade e empenho, buscando construir um mundo onde o racismo seja apenas uma lembrança sombria de um passado superado.

\* *Escritor, graduando em História e Teologia, Seminarista Metodista 3ª R.E / S.B.C- S.P*

# A BÍBLIA E O RACISMO

## O ANTIGO TESTAMENTO, AS RAÍZES DO RACISMO E SUA INTERPRETAÇÃO

§ *Rev. Jovanir Lage\**

Embora o racismo seja um tema debatido com maior frequência na atualidade, ainda está longe de ser uma reflexão ideal, pois comumente percebermos o descaso de muitos setores da religião e da política em relação ao tema. O racismo é um sistema de poder e privilégio desigual, é fruto da ignorância humana que em algum momento de sua história, começou a sentir-se superior ao outro, simplesmente por causa de sua cor ou sua raça.

Partindo deste princípio, é fácil perceber que em nosso país, o racismo é bem mais frequente do que imaginamos, pois embora o período escravagista tenha sido abolido há muito tempo, o cenário social e econômico não mudou muito para o negro, que geralmente trabalha mais e ganha menos que o branco. Sem contar que ainda convivem diariamente com olhares desconfiados e comentários preconceituosos, formulados apenas com base na cor da pele. Negros e índios foram marginalizados através dos séculos e não pode ser mais aceitável que nós, enquanto igreja e voz profética de Deus neste mundo, continuemos calados diante de tamanha desigualdade em nossa realidade. Enquanto servos de Deus, precisamos lembrar o princípio fundamental de nossa fé que alicerçada no amor de Deus a todas as pessoas e no nosso compromisso de amar a Deus sobre todas as coisas e ao nosso próximo como a nós mesmos.

No livro de Gênesis, a Bíblia nos mostra que há apenas uma raça criada pelo Senhor Deus, homem e mulher, feitos à imagem e semelhança de Deus (Gn 1:27). É verdade que o conceito

de raça é uma construção social bem recente se compararmos com a Bíblia, no entanto, o livro de Atos (17:26) esclarece que somos todos descendentes de um mesmo ser humano, de um só sangue, portanto, uma mesma raça. De fato, a única coisa que diferencia nossa cor de pele é a quantidade de melanina que há em nosso corpo e nada além disso. A raça humana é uma só.

Lembram que no início deste texto eu disse que o racismo é fruto da ignorância humana por achar-se superior ao outro? Pois bem, durante séculos, grupos religiosos formados por colonizadores europeus e por ramos do cristianismo, usaram o texto bíblico de Gênesis 9.18-29 como justificativa para escravizar outros povos, principalmente indígenas e africanos. O texto nos mostra que depois do dilúvio, Deus procurou Noé para selar uma aliança. A destruição cessaria e todos que saíssem da famosa arca. Seres humanos e animais tinham a tarefa de repovoar a Terra.

Noé tinha três filhos: Sem, Cam e Jafé. Depois do dilúvio, Noé virou lavrador e plantou um vinhedo. Um dia, “bebendo do vinho, embriagou-se e achou-se nu dentro da sua tenda”, a narrativa bíblica mostra que “Cam, pai de Canaã, viu a nudez de seu pai, e contou a seus dois irmãos que estavam fora. Então tomaram Sem e Jafé uma capa, puseram-na sobre os seus ombros e, andando virados para trás, cobriram a nudez de seu pai; tiveram virados os seus rostos, e não viram a nudez.” Quando acordou, Noé ficou furioso ao descobrir que seu filho tinha visto sua nudez e amaldiçoou Canaã, tornando seu neto

um servo. “Maldito seja Canaã, servo dos servos será de seus irmãos”, disse Noé.

Em Gn. 10.1-32 mostra que na repovoação da Terra, os descendentes de Jafé foram os europeus, germânicos e arianos. Sem teria dado origem aos povos semitas ou hebreus e Cam, responsável pelos povos da Ásia Oriental. No entanto, Canaã, o filho de Cam amaldiçoado por Noé, teve como descendentes os gebuseus, amorreus, gígarseus e outros que atualmente formam os povos etíopes, sudaneses e ameríndios, ou seja, os africanos.

Cristãos e colonizadores usaram deste texto como prerrogativa e justificativa para escravizar outros povos, principalmente indígenas e africanos. Segundo a interpretação que faziam deste texto, sendo estes povos descendentes de Cam e “amaldiçoados”, poderiam ser subjugados segundo o entendimento do texto sagrado. Durante muito tempo, este texto foi usado de forma irresponsável para descrever a África e seus descendentes como a personificação do mal, como pessoas amaldiçoadas e pecadoras e o uso simbólico desta interpretação inunda o imaginário de muitas pessoas ainda hoje. A maldição de Cam foi abusivamente interpretada na história como maldição da raça negra, aliás, o uso abusivo das escrituras têm erado interpretações que não correspondem de fato ao caráter do Deus da Bíblia. O Deus que conhecemos se coloca sempre a favor do oprimido e do necessitado. O seu grande amor fez com que seu único filho fosse entregue como sacrifício por todos nós e, portanto, não podemos admitir que pessoas, por sua raça ou cor, sejam subjugadas e colocadas como inferiores.

Teologicamente e exegeticamente, o texto bíblico sobre a maldição de Cam é um texto poético, que no contexto do capítulo 9 de Gênesis pretende explicar ou justificar as razões da relação de servidão entre os cananeus (descendentes de Cam) e os hebreus (descendentes de Sem). Sua redação foi bem posterior ao evento do dilúvio e repovoação da Terra, era uma história contada pelos pais e mestres à nova geração e pretendia de forma ilustrativa, explicar a condição atual daquele povo, onde os cananeus, antigos habitantes daquela terra, tornaram-se servos dos hebreus.

\* *Teólogo e Pastor Metodista e Docente na Universidade Metodista Unida de Moçambique, África.*

# O NOVO TESTAMENTO: JESUS E O RACISMO

§ José do Carmo da Silva – Mano Zé\*

No Brasil, ano a ano, o número de evangélicos cresce exponencialmente. Paralelo a isso, a indústria *gospel* se espalha gerando divisas e “divisões”, lança moda e modismos, plasma comportamentos, introduz e induz costumes. Em templos, de paredes pretas ou não, nas grandes estruturas, garagens ou em um modesto salão, dia após dia surgem novos ministérios e embriões de futuras denominações. Como estrelas cadentes no firmamento do céu *gospel*, surgem continuamente novas bandas, grupos, ministros de adoração. Suas canções se “estourarem” exaustivamente serão replicadas nas grandes e pequenas igrejas do país afora, podendo até ir parar na mídia televisiva secular! A Som Livre toca, você adora! – foi fito outrora.

Todavia, como todas as estrelas cadentes, tais astros *gospels* e suas músicas logo cairão e outras brilharão em seus lugares. As linhas teológicas e ideológicas são diversas, desde a teologia da missão integral, prosperidade, sete montes, ao recente e atrativo *gospel coaching*. Os evangélicos são tidos como o povo que lê, não só as Escrituras, mas também diversas outras literaturas ligadas a fé. Para atender a procura, existem Bíblias voltadas para todos os gostos, gêneros, faixa-etárias, nichos e tribos. Explorando o filão, as muitas editoras evangélicas vendem

livros que vão desde a tradicional teologia sistemática, a autoajuda e ajuda do alto. O povo do Senhor está presente na televisão, nos *podcast* e nos Três Poderes da República. E há quem diga que tal povo encabeçara esses últimos três.

Diante de todo o supracitado, muitos esfuziantemente bradam: “O Brasil é do Senhor Jesus! Estamos vivendo, indubitavelmente, um avivamento, é chegada a era da Igreja, teremos dentro de 30 anos uma nação majoritariamente evangélica e governada por evangélicos! ALELUIA!” Mas, estranhamente, em que pese o inegável crescimento dos cristianismos não católico romano, no plural campo religioso brasileiro igualmente crescem as mazelas sociais, a pobreza, a corrupção e, o assunto desse artigo, o racismo. Além daquilo que lhes pode render poder espiritual e secular, falta a tal movimento fazer outras perguntas necessárias. Recentemente alguém me fez uma das necessárias perguntas que tem calado em meio a nosso povo protestante e evangélico.

## O QUE JESUS FALOU SOBRE RACISMO?

As poucas pessoas que tentam fazer ecoar tal pergunta, quase sempre, principalmente, em redes sociais, logo são tachadas de “esquerdistas”,

“mimizentas”, vitimistas e outros termos silencionistas afins. Mas, o que Jesus falou sobre racismo? Na realidade de forma específica ele não usou o termo racismo, pois não existia em seu tempo. As escrituras sagradas não conhecem o racismo, uma vez que o termo foi cunhado no século 20. Antecedida por falsos estudos científicos eugenistas do século 19, a expressão surgiu, possivelmente, em 1902, na revista francesa *Revue Blanche*, em um artigo de A. Maybon.

Entre os povos bíblicos não existia o racismo como conhecemos hoje, embora muitos interpretem como tendo sido racismo a atitude de Arão e Miriâm contra a mulher etíope (heb. “cuxita”) com quem Moisés se casou. O episódio registrado em Números 12:1- 16, diz que por conta da rebelião deles, Deus colocou uma lepra em Miriâm. Embora a Bíblia não conheça o termo, por meio de uma ideologizada interpretação de Gênesis 9. 18-28, (a maldição de Cam), fizeram uso dela para justificar a escravidão negra e posteriormente o racismo.

A (KKK), Ku Klux Klan, movimento segregacionista que surgiu nos EUA, após 1863, quando foi abolida a escravidão negra, era composta por protestantes que odiavam, perseguiram e matavam negros, católicos e judeus. Essa gente, depois de cantar louvores e ouvir sermões em suas igrejas brancas, principalmente no sul dos Estados Unidos, saíam para queimar casas, templos e, dependuradas enforcadas em árvores, pessoas negras. Mas, não faziam nada sem que antes tivessem avisado as suas vítimas, enfiando na frente de suas casas uma cruz que era incendiada.

Afinal, Jesus falou ou não falou sobre racismo? Minha leitura bíblica não o mostra falando especificamente sobre racismo, todavia, aponta ele falando também contra o racismo. Isso fez quando, em Mateus 22,34-40, trazendo a memória Deuteronômio 6.5, ao doutor da lei, o Mestre deixou claro que o maior de todos os mandamentos consiste em amar a Deus sobre todas as coisas e ao nosso próximo como a nós mesmos, e que disso depende toda lei e os profetas.

Alguém pode objetar e dizer que esse mandamento valia para Israel, e que o próximo de um judeu era outro judeu. Essa era a ótica do fariseu! Porém, dentro da nova perspectiva da aula do monte, contida nos capítulos 5,6 e 7

de Mateus, Jesus reinterpreta seis pontos da Lei, e é dentro dessa reinterpretação que devemos também entender a conhecida parábola do “bom samaritano”, narrada em Lucas 10:25-37. Judeus e samaritanos não se davam. Israel os consideravam inferiores, embora o termo racismo não existisse nos dias de Jesus, a atitude de rejeição do próximo, do diferente, existia. Ao apontar o samaritano como o próximo do judeu, Jesus condenou a atitude discriminatória de seus dias e o racismo atual.

Muitos dizem que a Igreja não deve falar sobre racismo, pois Paulo não combateu a escravidão em seus dias, antes devolveu a seu senhor, Filemon, o seu escravo, Onésimo, que havia fugido, e ao ser preso, foi evangelizado por Paulo, possivelmente, na prisão. Realmente, Paulo não fez nenhum movimento de combate a escravidão. Nos seus dias existiam mais escravos do que pessoas livres, todavia, a servidão existente nos dias paulinos, assim como antes deles, não era baseada na negação da humanidade do outro, na cor da pele, e não possuía toda a crueldade que a escravidão negra, sobretudo, teve. Apesar disso, Paulo confrontou tal instituição em seu tempo usando a essência do Evangelho explicitada em Mateus 22,34-40, o amor. Pois ao devolver Onésimo, recomendou a seu senhor, um também cristão, que o recebesse não mais como um escravo, e sim “bem mais do que escravo: como um irmão bem-amado” (Filemom 1.16).

É dentro da perspectiva do amor, que Jesus Cristo falou também contra o racismo. Assim fez, pois quem ama a Deus não nega Sua imagem e semelhança expressa em seu próximo, antes o ama como ama a si mesmo. Oro para que, como sinal do Reino de Deus, a genuína Igreja de Jesus Cristo, na contramão do movimento *gospel*, o qual pontuei na introdução desse artigo, assim como Jesus e Paulo, a partir da ótica e ética do Evangelho, fale contra todos os pecados, mas não mais se silencie sobre o racismo. Pois, como Ângela Davis disse e fez: “Numa sociedade racista, não basta não ser racista, é necessário ser antirracista.”

\*Filósofo, Teólogo e Pastor Metodista em Votuporanga – SP

# O RACISMO HISTÓRICO E SEUS DESDOBRAMENTOS

§ *Jasson Santos de Azevedo\**

É sabido que um triste ponto do povo brasileiro é o racismo, pois desde os seus primórdios se percebe tal ignominia, se estamos falando de uma nação logo falamos também de muitos de nossos irmãos que compartilham a fé cristã; como também a maneira de pensar sobre as questões étnicas e raciais, e no contexto religioso cristão, o pensamento racista se espalhou e embrenhou-se em diversas épocas e lugares. Sendo presente no cristianismo. Para elucidar tal afirmação resgato a memória maldição de Cam, afinal quem nunca ouviu falar da culpa que recai sobre os povos africanos vinculados a história de Noé que está registado.

Em Gênesis 9:22 -25, segundo texto, Cam, o filho que viu a nudez de seu pai, tal filho foi amaldiçoado, todavia, para muitos essa suposta maldição é a coloração da pele, isto é, pele negra. A narrativa da condenação que recai sobre Cam foi usado historicamente para justificar a escravidão no contexto, sem que pesasse a culpa dos cristãos. Esta narrativa foi levada tão a sério ao longo da história que o “movimento cristão mórmon” usou desta justificativa, a maldição de Cam, para impedir a ordenação de sacerdotes negros em suas comunidades de fé. Tal pensamento foi usado ao longo do tempo por judeus, muçulmanos e cristãos, sinalizando assim o tamanho da proporção desse pensamento.

Mesmo que saibamos que não haja vínculo sanguíneo entre os descendentes de Noé e os povos do continente africano, restou o imaginário de uma maldição vinculada aos afrodescendentes.

Outro fator que vale citar está em volta da questão de tradução, onde o profeta Sofonias, teve a origem de seu pai omitido, dando a entender no texto Bíblico o termo “cusi” é nome próprio, ou seja, o de seu pai. Observemos o relato bíblico, que nos diz assim em Sofonias 1.1 A palavra veio a Sofonias, filho de Cusi. O termo ali escrito designa Africano, Etíope, Egípcio. ‘Levando ao pé da letra’ a Palavra Khushi chega ao seguinte termo: “Sua escuridão”.

Não cabe ao autor deste artigo emitir qualquer juízo de valor sobre o tradutor o mesmo sobre as intenções do mesmo, todavia, é percebido a ausência da tradução do termo deixando assim um “quê” de falta de esclarecimento acerca da tradução, havendo somente a transliteração do termo. O ocultar de uma importante informação étnica ou o não falar da origem do pai de algum profeta deixa evidente o racismo velado no cristianismo histórico. Além do que fora citado, a transliteração do termo tornasse bem conveniente para a época, pois o deixar as questões da escravidão no Brasil “sobre a mesa”, não traria embates sociais com os senhores donos de terras, considerando que havia bastantes escravagistas em terras brasileiras.

Deus em sua Graça faz com que as esquisitices humanas sejam superadas, levando os seres humano à experiência do convívio comunitário de fé que de alguma forma leva o indivíduo despertar para a missão de Deus na terra. E este convívio esta entrelaçado com o reino de Deus e todos os seus benefícios. O reino de Deus sempre teve como o público-alvo os

seres humanos, independentemente das questões raciais, ou mesmo qualquer fator que tente classificá-los, gerando assim um senso de grupo minoritário, ainda que haja no contexto social extra corpo de Cristo.

Para Deus há somente o indivíduo, que por via de regra, deveria buscar a Deus e em Deus encontrar refúgio para suas agonias. Tendo em vista tal pensamento, e olharmos para principal ministério da igreja que deve levar o homem a se aproximar de Deus, a mesma, deve criar ações mais abrangentes e que inclua as pessoas ao convívio comunitário, levando-os a entender que todos são criados por Deus. Não deixando que pensamentos preconceituosos desvirtue a verdadeira missão da igreja, que é o anúncio da Graça de Deus e seu amor de Deus.

No que diz respeito as ações pastorais, sabemos que o dia a dia da fé, por si só, tem os seus desafios. Todavia, a ação Pastoral deve ser efetiva para combater qualquer espécie de racismo ou mesmo atitudes que diminuam a integralidade da vida. Sendo assim, por meio das ações práticas um pastor/a tem a incumbência de proporcionar a integração do corpo de Cristo, que por vezes, se encontra em desajuste por conta de os múltiplos pensamentos que se derivam sobretudo do senso comum e se alastram causando um déficit na vida comunitária de uma igreja.

Sendo assim, cabe a ação pastoral conduzir os irmãos/ãs para um ambiente de equidade onde todos os membros/as e participantes de uma comunidade de fé se sintam acolhidos, respeitados e amados, tal como Jesus ensinou. Tais ações devem ser recebidas tanto na política de convivência entre os pares da fé, quanto na prédica pastoral como também no trato da poimênica de um pastor/a, cujo desdobramento se dá no cuidado com cada pessoa.

# O MINISTÉRIO E A SUPERAÇÃO DE UM PASTOR NEGRO

§ *Rev<sup>mo</sup> Bispo João Alves de Oliveira Filho\**

**A**o discorrer sobre o Pastor Negro e suas dificuldades, estou mergulhando em um profundo paradoxo, pois sempre fui ensinado que o amor de Deus abrange a toda a criatura. Jesus diz: “O meu mandamento é este: que vos amei uns aos outros, assim como eu vos amei” (Jo.15.12). Porém surge a pergunta: Será que todos/as entendem que o/a Pastor/a Negro/a é reconhecido/a por este mandamento? Ele/a é visto/a com a mesma compreensão do parâmetro do amor? O amor que tenho para com Deus o tenho para com a criatura negra? Pois bem. Por mais que enxerguemos o/a Pastor/a Negro/a com a mesma visão que vemos as demais criaturas, se percebe um lampejo de discriminação.

Atualmente, esforços são produzidos na tentativa de se conscientizar toda a população que a cor da pele não pode nos afastar uns dos outros e que o coração tem a mesma cor. A discriminação tem que ser abolida, porém a sociedade em todo o mundo, ainda possui e vivencia o ato de discriminar. Tal ação verifica-se nos jogos de futebol, presença em supermercados, caminhando pelas ruas, etc. Parece que todo/a negro/a é um assaltante, mau caráter e aproveitador. E a Igreja? Como tem trabalhado esta questão? Do ponto de vista da estrutura até parece que tudo caminha bem. Porém, de vez em quando um ruído bate em nossos ouvidos e ficamos intrigados. Surge a pergunta: será verdade?

Conto um pequeno fato. Certa ocasião, ainda atuando como Pastor, neófito e procurando entender algumas questões, participava de uma pequena roda de pastores no intervalo de uma

sessão conciliar. Então, ouvi o seguinte: “você ficaram sabendo da reação da Igreja ao saber da nomeação do novo pastor? A reação foi a seguinte: um dos líderes da Igreja disse ao Bispo: O Senhor tira um pastor negro e nomeia outro?” Fiquei pasmo! Olhei para a minha pele, meu futuro como Pastor e indaguei: A Igreja vai fazer o mesmo comigo?

O fato me levou a pensar que a Igreja ainda tem dificuldade no quesito “cor da pele” e que o preconceito beira a falência da fé, do amor, da justiça e da comunhão. Constatei a grande dificuldade do/a Pastor/a Negro/a superar esta barreira pecaminosa, de exercer sua vocação, seu chamado, expressar sua fé e seu trabalho. Fico a pensar no olhar. A função do olhar é captar mensagens e enviar para o cérebro codificar. Nosso olhar pode discriminar coisas boas e coisas más. Discrimina o pobre do rico, o bonito do feio, o alto do baixo, valores, quantias, percepções e discrimina o branco do negro.

Aqui se encontra o grande pecado. Jesus viu e presenciou muitas coisas: os doentes, os necessitados, o sofrimento do povo, a discriminação sobre a mulher, a iniquidade, o abandono, a falta de compaixão, porém tudo o que ocorreu ao redor de Jesus não o impediu de atender e amar a todos/as. Em um destes olhares viu Zaqueu em uma árvore e chegando perto disse: Desce depressa, pois me convém ir até sua casa. Por que será que Jesus olhou para Zaqueu? Entendo que Jesus não olhou para a aparência, mas para o coração. Há de se ressaltar que nossa humanidade em algumas ocasiões é cruel, fustiga,

relativiza a fé e o compromisso com o Reino de Deus. Como o/a Pastor/a Negro vencerá as dificuldades da discriminação?

Assim como Jesus olhou com amor e carinho para Zaqueu, para a mulher adúltera, para a irmã de Lázaro, e tantos outros, o/a Pastor/a Negro/a também deverá olhar com amor e carinho para sua vocação. O chamado de Deus foi efetivado em seu coração e a este chamado é que deverá se prestar toda reverência, amor, zelo e cuidado. Ressalto: O chamado é para todos/as e não será a cor da pele que vai impedir o/a Pastor/a Negro/a colocar em prática a sua vocação. A discriminação é pecado, pois restringe, afasta, diminui, rebaixa e impede de se praticar atos de misericórdia e piedade.

As indiferenças nos protegem das dores do/a próximo/a e tornam nossas relações superficiais. O desafio do evangelho é anunciar o amor de Cristo, a salvação, o perdão de pecados, e também, vencer a ação pecaminosa da discriminação. O desafio do Evangelho é nos ajudar a vencer barreiras, crer na manifestação da graça divina e ver com os olhos da fé e do amor. Muitas vezes o olhar de Cristo está distante, pois como Igreja, estamos envolvidos/as com tantas coisas que nos impedem de manter nossa responsabilidade cristã, e uma delas é vencer a barreira da discriminação. Os olhos da compaixão nos ajudarão a tratarmos nossos/as pastores/as Negros/as com amor e carinho, respeitá-los/as e lhes proporcionar a mesma dignidade e seriedade do evangelho.

A orientação que Jesus deixa aos nossos corações, para brancos e negros, é que devemos amar uns aos outros assim com o Ele nos amou. Este é o legado deixado por Cristo que não mediu esforços para ter ao redor de si todos/as aqueles/as que o procuravam com o objetivo de receber uma bênção, uma orientação e uma palavra de amor. A Igreja tem em sua mensagem de fé e esperança este grande desafio: tratar a todos/as com igualdade de condições, caso contrário ouvirá de Jesus: “Nunca vos conheci”.

\* Bispo Emérito da Igreja Metodista  
Teólogo e Administrador – São Paulo–S.P.

# PARA QUE SEJAMOS UM

§ *Rev<sup>mo</sup> Bispo Adriel de Souza Maia\**

**N**o primeiro momento deparei-me com o tema, deste artigo, pensei: qual a relação deste trecho da Oração Sacerdotal de Jesus - “ a fim de que todos sejam um ; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste” ( João 17.21) - com à questão da igualdade racial?

Com absoluta certeza, tem tudo a ver com o desafio permanente da inclusão. Uma oração missionária que não deixa ninguém de fora dentro do projeto do Reino de Deus. O Apóstolo Paulo conseguiu, em obediência, dar um tom missionário a este mandamento de Jesus enfatizando: “Para liberdade foi que Cristo nos libertou. Permaneci, pois, firmes e não vos submeteis, de novo a jugos jugo da escravidão, porque em Cristo Jesus, nem circuncisão , nem a incircuncisão tem valor algum, mas a fé que atua pelo amor” ( Gálatas 5. 1 e 6).

Do mesmo modo, o Evangelho de Jesus Cristo quebra as barreiras raciais e oferece para todas as nações o passaporte de um só nacionalidade.. O Apóstolo Pedro, destaca que recebemos a cidadania do Reino de Deus : “ vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para sua maravilhosa luz” ( 1 Pedro 1.9).

Viver a dimensão da igualdade racial não é uma questão de opção dentro da plataforma do Reino de Deus, mas é um imperativo divino. Contrariar essa exigência do Reino

significa desobediência. Ou melhor, é pecado pessoal e estrutural.

A Igreja Metodista pela sua história há quase três séculos de caminhada começando com o seu insigne fundador, João Wesley, mantém um legado contra a discriminação., no seu tempo, combateu, tenazmente, a escravidão. Não podemos perder este referencial. Nós, metodistas em terras brasileiras, temos uma história, na verdade, pioneira na luta em favor da igualdade racial ou ações afirmativas, posicionando-se sua vocação cristã em favor da vida.

Nessa linha de raciocínio, o seu documento social denominado Credo Social há mais de um século tem afirmado: “é injusto aumentar a riqueza dos ricos e o poder dos fortes confirmando a miséria dos pobres e oprimidos. Os programas para aumentar a renda nacional precisam criar distribuição equitativa de recursos, combater discriminações, injustiças e libertar o ser humano da pobreza”.

Igualmente, o Colégio Episcopal tem reconhecido a relevância de ações afirmativas e orientando, pastoralmente, à Igreja, instituições no sentido que incluam em suas programações ações pastorais que possam oferecer apoio às iniciativas que preservem a vida humana.

Nessa linha pastoral, ofereceu à Igreja uma Carta Pastoral sobre o racismo, à luz do desafio “ Abrindo os olhos para ver o coração para acolher”. A correspondência oferece um importante conteúdo, para uma compreensão do racismo e os seus desdobramentos numa sociedade marcada pela discriminação e preconceito. O

documento traz à memória um histórico com relação à atuação do metodismo brasileiro dentro do seu testemunho social, à luz da Palavra de Deus, corajosamente, denunciar todas as forças contrárias à vida trazida por Jesus Cristo.

Voltando ao tema destas linhas: “Para que sejamos um” temos que ter clareza que é um grande desafio caminhar nesta plataforma inaugurada por Jesus. Há necessidade de reconhecer que ainda estamos longe do desafio de Jesus. O Apóstolo Paulo ilustra utilizando a imagem do corpo o seguinte percurso : “ porque, assim, como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo. Pois , em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um só corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres, e a todos nós foi dado de beber de um só Espírito” ( 1 Coríntios 12.12-13).

Um grande apelo : não há espaço para exclusão no Corpo Vivo de Jesus Cristo. Nossos esforços precisam convergir para uma cultura de inclusão e, lamentavelmente, os indicadores apontam a grande exclusão da população negra nos diversos espaços da sociedade dentro do contexto de um racismo cultural, institucional e estrutural.

Dentro desta quadra, a Igreja precisa fazer um autoanálise se os pobres, os marginalizados estão sendo alvo da novidade do Reino de Deus: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres , enviou-se para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e apregoar o ano aceitável do Senhor” ( Lucas 4.18-19).

Do mesmo modo, a Igreja em sua plataforma de inclusão precisa ampliar a sua presença pública e, à luz dos eixos norteadores do evangelho ser parceira com todos os movimentos que promovem a paz, a justiça e a integridade da vida. O Evangelho, coloca diante de nós o tom da gratuidade do amor de Deus que inclui, valoriza, respeita e, especialmente, nos convida para um projeto transformador. Dessa forma, toda a nossa ação pastoral precisa ser preventiva e, se é preventiva, é educativa.

Os nossos esforços precisam ser canalizados para que possamos num mundo com tantas divisões e com o paradigma da violência, da

intolerância, da exclusão, do descartes, somos instados a sermos mensageiros e mensageiras da cultura de paz e solidariedade.

É bom trazer à memória o pensamento de Nelson Mandela: “*Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar*”.

Desejando à Secretaria de Igualdade Racial da Quarta Região Eclesiástica seja movida pelas palavras proféticas e pastorais que: “o Espírito do SENHOR, o Espírito de sabedoria e de entendimento , o Espírito de conselho e de fortaleza , o Espírito de conhecimento e de temor do SENHOR” ( Isaías 11.2).

Nessa plataforma persigamos o desafio: “Para que sejamos um”.

\* *Bispo Honorário da Ig. Metodista*  
*Teólogo e Pedagogo – Belo Horizonte-M.G.*



# **O RACISMO: SEUS IMPACTOS E CUIDADOS PASTORAIS**

# IMPACTO SOCIAL E FAMILIAR

§ *Rev. Laércio Rodrigues Santana\**

A narrativa da queda do homem através da entrada do pecado no mundo nos ajuda a conceituarmos o pecado original como uma espécie de vírus que contaminou a geração adâmica tornando-a em natureza egocêntrica corrompida e com tendência natural ao preconceito, discriminação e racismo. Esta patologia espiritual coletiva tem seus sintomas visíveis na sociedade onde a discriminação racial é uma prática inquestionável em nosso dia a dia. É possível percebermos o racismo estrutural estampado nas estatísticas do IBGE e em fatos alarmantes vistos a olho nu. A causa desta perversão social está na predominância da natureza adâmica egocêntrica e perversa que orienta o ser humano a ser excludente em nome do poder que o fascina.

A grande e boa notícia está nos evangelhos que nos apresentam Jesus como o novo plano de Deus na restauração da humanidade (João 3.16). Em sua missão aqui na terra Jesus convocou homens e mulheres a se tornarem participantes da natureza divina livrando-os das paixões que há no mundo corrompido pela queda do homem (2 Pedro 1.4). Assim sendo o tema central dos ensinamentos de Jesus é o Reino de Deus onde não há hierarquia racial, ou seja, todos são iguais.

Como povo de Deus chamado metodista devemos colaborar na erradicação do racismo exercendo a nossa voz profética na denúncia dos males sociais e no exercício de nossa função educadora a partir dos princípios e valores vivenciados por Jesus nos evangelhos que norteiam o nosso credo social:

“Cremos no Reino de Deus e sua Justiça, que envolve toda a criação, chamando todos os homens e todas as mulheres a se receberem como irmãos e irmãs participando, em Cristo, da nova vida de plenitude”<sup>1</sup>.

No combate ao racismo a Igreja precisa redescobrir o papel da família como a primeira escola da vida. É nela que aprendemos os valores essenciais para lidar com o coletivo, com as frustrações, e também, com as dificuldades que vão aparecendo em nossa caminhada. Através da convivência familiar, nossa personalidade se molda e define quem somos. Vejamos algumas pistas que poderão nortear a nossa ação bíblica pastoral junto as nossas famílias no enfrentamento da discriminação racial:

## *1. Os pais, como exemplos de vida para os filhos*

Crianças são muito instintivas e se espelham nas atitudes dos adultos em que confiam e que admiram. Por isso os pais devem pautar suas ações nos princípios do evangelho do Reino que refuta toda e qualquer forma de racismo de tal forma que sejam referenciais no processo de formação de conduta dos seus filhos.

Quando a noção de igualdade e respeito está clara para os pais, ela tende a ser naturalmente incorporada pelos filhos. Se o que a criança vê em casa é o respeito com todos os seres humanos, provavelmente vai reproduzir isso na escola. Afinal, não adianta esperar que a criança lide com as diferenças na rua se, no ambiente familiar, temos comportamento oposto.

<sup>1</sup> CREDO SOCIAL, Cânones da Igreja Metodista, Editora Angular, São Paulo, 2023, p. 50.

## ***2. Desenvolver o discipulado em família***

Somos desafiados a vivenciarmos o Reino de Deus em família através de um discipulado familiar que pode ser desenvolvido através do culto doméstico que contribui na formação de caráter de nossos filhos. Os ensinamentos dos evangelhos nos orientam a construir em nossos lares relacionamentos baseados em respeito mútuo, em compreensão e reconhecimento das diferenças entre indivíduos de raças diferentes. Nelson Mandela salienta que “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar”<sup>2</sup>.

## ***3. Encorajar as famílias a lidarem de frente os conflitos raciais***

Os conflitos raciais acontecem e os reflexos se fazem sentir na família. Devemos encorajar as famílias a falar acerca destes conflitos de maneira aberta e construtiva. É melhor trazê-los a luz do que camuflá-los. É muito comum vermos crianças sofrendo *Bullying* na escola pelos seus próprios colegas. A melhor forma de acolher uma criança vítima de racismo é por meio do amor e do afeto, fortalecendo a sua autoestima sem menosprezar o peso da violência sofrida.

Que Deus nos ajude e nos capacite na reconstrução de um novo mundo através da proclamação de seu Reino aqui na terra o qual terá a sua concretização final no dia tão esperado por todos nós em que todas as tribos, línguas e nações estarão reunidas para adorar o Rei Jesus! (Apocalipse 7.9-11)

\*Teólogo, Pastor Metodista e Psicanalista  
Governador Valadares-M.G.

<sup>2</sup> RODRIGUES, Eva dos Santos, e outros, Enfrentamento ao racismo desde a infância, Defensoria Pública do Estado da Bahia. - 1a. ed. v.1 - Salvador: ESDEP, 2020, p. 5.

# IMPACTO RELIGIOSO: ENTENDENDO O SUPEREGO

§ *Rev. Gean L Peroni Brandão\**

**T**enho uma filha de um ano e seis meses e tenho aprendido muito com ela sobre a vida. Ela também me faz ver as teorias psicanalíticas acontecendo diante de meus olhos, pois Ana Freud, filha de Freud, dizia que o superego da criança é a soma do superego de seus pais. Mas o que é o superego? Segundo Freud, considerado pai da psicanálise, em sua obra "O Ego e o Id" (1923), ele afirma que o superego é "a voz da consciência" que se forma a partir da internalização das proibições e normas parentais. Freud, no texto "O Mal-estar na Civilização" (1929-1930), explora a formação do superego em relação à civilização e suas exigências. Ele argumenta que o superego é uma instância psíquica que se desenvolve a partir da internalização das normas sociais e morais, especialmente através da figura paterna. Em suma, eu e minha esposa somos o limite, a moral e os representantes dos valores sociais para ela, e em breve ela internalizará tudo o que passamos para ela, formando seu superego.

## Racismo Estrutural no Brasil

Compreendendo esse processo, podemos ver como são passados as tradições, os valores, os preconceitos e o racismo estrutural, que geram desigualdade social, violência, discriminação, entre outros. Ainda mais no Brasil, onde, após o fim da escravidão, foram trazidos imigrantes para trabalhar no lugar dos ex-escravos, e não houve um processo de integração dos negros na sociedade, mas sim a marginalização. Assim, toda nossa estrutura social carrega dentro de si o preconceito.

A tentativa de lutar contra este sistema através dos movimentos, políticas sociais e a valorização da cultura negra tem o seu valor, mas não são a solução definitiva, pois, no fundo, carregam ódio, raiva e um sentimento de revanche que os torna semelhantes aos que combatem. Os filhos e filhas destes movimentos carregam dentro de si um sentimento de injustiça que também não é saudável e os deixa vulneráveis a partidos políticos e movimentos que se aproveitam para compor sua militância. Diante do exposto, o melhor caminho para combater o racismo em todas as suas formas vem através do ensino e do exemplo de Jesus Cristo.

## O Exemplo de Jesus Cristo

Quando olhamos para a vida e os ensinamentos de Jesus Cristo, fica claro que Ele veio para derrubar os muros que dividem a humanidade. Em uma sociedade marcada por profundos preconceitos étnicos e raciais, Jesus demonstrou repetidamente que o amor de Deus transcende essas barreiras. Um dos exemplos mais marcantes é a parábola do Bom Samaritano (Lucas 10:25-37). Nessa história, Jesus usa justamente a figura de um samaritano, um grupo desprezado pelos judeus, para ilustrar o que significa amar ao próximo.

Enquanto o sacerdote e o levita, representantes da religião estabelecida, passam ao largo do homem ferido, é o samaritano quem se compadece e o socorre, independentemente das diferenças étnicas. Essa parábola nos ensina uma lição poderosa: a compaixão e a misericórdia não conhecem fronteiras raciais. Somos chamados

a amar e servir a todos, especialmente aqueles que são marginalizados e discriminados pela sociedade.

Outro encontro significativo de Jesus é com a mulher samaritana, relatado em João 4:1-42. Novamente, Jesus rompe com os padrões sociais e culturais da época ao iniciar uma conversa com uma mulher de um grupo étnico desprezado. Ele a trata com dignidade e respeito, revelando que a salvação é oferecida a todos, sem distinção.

Esses exemplos nos mostram que, para Jesus, o valor de uma pessoa não está em sua raça ou etnia, mas em sua humanidade, criada à imagem e semelhança de Deus. Como cristãos, somos desafiados a adotar essa mesma perspectiva, enxergando cada indivíduo como um filho amado de Deus, merecedor de respeito, compaixão e igualdade.

#### A Transformação Através do Novo Nascimento

Jesus Cristo agia de forma diferente, pois, mais do que combater a discriminação, Ele olhava para o ser humano com graça, misericórdia e amor, entendendo que muitos agiam de forma errada por não conhecerem o amor de Deus, pois são filhos do primeiro Adão. Porém, sendo Ele considerado o segundo Adão, filho de Deus (lembrando que o superego é formado pelos pais, especialmente pelo pai), buscava lidar com todos e com a vida a partir dos valores de Deus, o Pai, tanto que Ele sempre afirmava que fazia a vontade do Pai-Deus.

Sendo assim, o caminho para agirmos como Jesus Cristo passa pelo novo nascimento, para termos a mentalidade transformada pela ação do Espírito Santo. Dessa forma, podemos realmente combater o racismo e outros movimentos de desigualdade, valorizando a vida e restaurando a dignidade humana que carrega a imagem e semelhança do Criador.

Por que o Caminho do Novo Nascimento?

Como disse no início do nosso texto, minha filha está aprendendo comigo e com minha esposa todos os seus valores e o modelo de civilização. Conforme explicado por Freud sobre a formação do superego e seu papel na civilização, podemos concluir que o melhor caminho para combater o racismo em suas diversas formas é ter uma mentalidade transformada, para deixarmos um legado diferente, gerando uma

nova geração que olha para a vida e para o ser humano independentemente de suas diferenças e reconhece nesse outro a imagem do Criador. Assim, poderemos realmente construir uma sociedade diferenciada, justa e que respeita, pois seremos a mudança e ensinaremos essa mudança para nossos filhos.

Que Deus nos ajude!

*\* Teólogo, Filósofo, Psicanalista e Pastor Metodista  
Belo Horizonte / M.G. - 4ª R.E.*

# IMPACTO EDUCACIONAL

§ *Rev. Welfany Nolasco Rodrigues\**

“Eu não sou racista” - é o que diz o racista sistêmico! O grande problema da cultura racista é inculcar na sociedade o “direito de discriminar”, como se houvesse pessoas superiores a outras e por isso pudessem legitimamente diferenciar entre elas, claro que sempre se colocando no grupo que considera superior. Por isso, as pessoas só mudarão após uma mudança conceitual em seus valores. Como cristãos, acreditamos que todo pecado deve ser confessado e deixado, através do arrependimento. Então ao começar este tema, precisamos confessar que fazemos parte de uma cultura e sociedade racista, para então produzir a transformação necessária.

A mudança aparente de comportamento, por exemplo parando de contar “piada de preto”, não significa que a pessoa deixou de ser racista. Muitas vezes, lá no íntimo, na memória a pessoa acaba pensando: “precisa fazer serviço de branco” e outros chavões embutidos de racismo que se repetem como um eco, principalmente no meio de pessoas brancas. Devido a isso, é necessário fazer o caminho contrário agora, combatendo insistentemente estes pré-conceitos até que uma nova geração se levante capaz de recusar intimamente estas práticas. Durante anos escutamos estas frases, que fizeram parte de nossa formação cultural, agora devemos inculcar o oposto para multiplicar a visão de Deus para todos. Por falar em visão de Deus, responda francamente:

- Você acha que Deus olha para o mundo e vê distintamente pessoas de raças diferentes?
- Você acredita que os personagens bíblicos, que viveram na divisa da África eram todos brancos, como nos filmes?

- Como a diversidade racial se aplica ao conceito de “imagem e semelhança” em Gênesis 1.27?

Se você pensou em responder SIM às duas primeiras perguntas, certamente ficou sem resposta na terceira, porque Deus criou o ser humano à sua semelhança e todos somos irmãos, de uma mesma origem. Por isso, Deus não olha para o mundo na visão geopolítica ou racial, mas contempla todos os povos, que juntos um dia estarão diante de seu trono (Apocalipse 7.9). Outra descoberta necessária será saber que os personagens bíblicos não eram brancos, inclusive o próprio Jesus, que em Apocalipse 4.3 diz ter pele cor de jaspe e sardônio, que é marrom escuro. Os judeus que voltaram da diáspora após quase dois mil anos espalhados pelo mundo, principalmente na Europa, retornaram em 1948 com a mistura de pele mais branca, mas existem inúmeras provas históricas de que antes não tinham o perfil europeu (leia Amós 9.7). As imagens que vemos de cenas bíblicas com personagens brancos, são fruto do racismo sistêmico, que não consegue enxergar negros na sociedade e reproduz isso na leitura bíblica.

Nosso conceito ou pré-conceito, começa pelo que cremos, mas infelizmente a igreja também pecou por muito tempo, repetindo pensamentos que não condizem com a Palavra de Deus. Agora é preciso deixar a timidez ao tratar esse tema e avançar, provocando essa discussão e tratando como uma ferida que foi escondida e precisa ser definitivamente curada. Sim, racismo é uma doença, um distúrbio comportamental que foi aceito por séculos ou

mais, contudo deve ser erradicado, como uma vacina que previne o mal do pecado.

Eu cresci escutando frases racistas, que embora sempre soaram muito inadequadas aos meus ouvidos, estava no meio de pessoas que “pregavam” que era assim mesmo e assim deveria ser. Me lembro de minha avó dizendo: “não brinca com meninos pretos” e quando adolescente minha mãe com medo de que eu namorasse com alguém que fosse “colorir a família”. Agradeço a Deus que não me permitiu nunca concordar com isso, pelo contrário, parece que me sentia provocado a querer ter mais amigos negros. Para piorar, depois de adulto e formado pastor, presenciei muitas cenas racistas nas igrejas, tais como reuniões para divisões de tarefas, onde os negros deveria fazer serviços braçais e os brancos subindo no palanque. Esse tipo de hipocrisia sempre me incomodou muito.

Presenciei atos de extremo racismo recentemente, no dia 22 de julho de 2023, em um curso online para professores de Escola Dominical, nossa reunião virtual foi invadida por um grupo de mais de dez hackers, que aparentemente fazem isso com igrejas, no propósito de atrapalhar o trabalho. A principal arma que usaram para ofender as pessoas foram palavras racistas, como “esses macacos”. Com certeza, esse tipo de expressão com motivação pejorativa já foi ouvido por todos nós, mas a diferença é como sentimos com isso e como reagimos. Isso me ofendeu muito, senti um nojo aversivo, como não me lembro ter sentido antes. Esses criminosos estão sendo indiciados por racismo.

O Prof. Paulo Ayres, na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, falava em suas aulas, que defendia uma tese, de que o pentecostalismo cresceu no Brasil por ser formado em sua maioria de pessoas nordestinas e negras, dizendo que era essa força que a Igreja Metodista precisava na composição de sua liderança. O Prof. Paulo ainda desafiava a questionar a composição da igreja local, se estivesse formada por maioria branca “burguesa” ou teria um misto de gente, principalmente com negros, que usariam sua capacidade de resistência, carregada por séculos de perseguição, para canalizar no fortalecimento da igreja.

Concluo citando três coisas que precisamos fazer para combater o racismo na vida pessoal e principalmente na igreja, para multiplicar na sociedade:

1. Difundir o conceito de que racismo é pecado e doença
2. Como pecado deve ser confessado com arrependimento
3. Seguido por mudança de atitude definitiva e pública

O racismo não somente é um empecilho ao Evangelho e à Igreja, como também é um pecado abominável aos olhos de Deus, que vê a todos de forma igual, sem distinção (Romanos 2.11). O pecado do racismo gera uma doença social, que contaminou gerações e precisa ser combatido veemente até que sejamos imunizados. A confissão do pecado do racismo deve ser pública para que, a mesma vergonha passada por tantos que já viveram a dor do preconceito, seja o motivo de que isso nunca mais aconteça (Provérbios 28.13). A mudança de atitude deve ser radical e pública, assim como antes a pessoa não tinha vergonha de rir de uma piada racista num grupo de amigos, também precisa agora se declarar abertamente contra esse tipo de coisa (João 8.1-11).

Convido você que já presenciou ou participou de qualquer tipo de fala ou ato racista, a confessar publicamente, postar, publicar e combater incisivamente a partir de agora. Não se conforme com isso, pois se calar também é pecado “porque aquele que sabe o bem que deve fazer e não o faz, nisso está pecando” (Tiago 4.17). Então é hora de reagir e fazer o que é certo, sobrepondo os tempos em que o erro perdurou na sociedade. Isso precisa começar pela Igreja: “se o meu povo que se chama pelo meu nome, se humilhar e orar e se converter de seus maus caminhos, então virei e sararei a sua terra” (1Crônicas 7.14). Deus espera que seus filhos sejam os primeiros a mudar, em seguida espalhando pela terra, como diria John Wesley, patrono do metodismo, que tinha entre suas principais causas o combate ao racismo. Então nós metodistas, principalmente como cristãos, temos o chamado de denunciar esse pecado e lutar para a transformação da sociedade começando pela Igreja.

*\*Teólogo, Pastor Metodista e  
Coord. Nacional da Escola Dominical  
Prof. FATIM - Faculdade de Teologia da Igreja Metodista  
Cachoeiro Itapemirim- E.S.*

# IMPACTO EMOCIONAL

§ *Psi. Tiago Lucas de Souza e Silva\**

A emoção é um conjunto de reações (positivas ou negativas) que podem se manifestar de forma imediata, sendo desencadeada através de falas ou ações. É necessário dizer que o nível de nossas reações emocionais se dá pelo estado de nossa saúde mental. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a saúde mental é definida como um completo estado de bem-estar biopsicossocial espiritual experienciado pelo indivíduo que o auxilia a corresponder os desafios do cotidiano sejam eles individuais e/ou em comunidade.

O racismo por sua vez em resumo é a ideia e crença criminosa de superioridade de um grupo étnico sobre outro, que resulta em crimes maiores como violência física, mental, homicídio, etc. O racismo seja ele estrutural ou diretivo acarreta consequências em todas as faixas etárias da pessoa preta, consequências essas que levam a degradação/aviltamento emocional. Essa violência, em sua totalidade, culmina em resultados emocionais considerados negativos, tais como autoestima baixa, defraudação da autoimagem e baixos níveis de confiança nas relações interpessoais. Diante dos baixos níveis de confiança no outro, surge como possibilidade ações de contra violência, onde a vítima de racismo age com outros de forma violenta, uma vez que, a pessoa negra é acometida de racismo por um determinado grupo étnico, a mesma entende que grupos semelhantes terão a mesma atitude violenta e diante disso precisa se antever com ações tão violentas quanto as que sofreu.

Além dos efeitos negativos que estão relacionados à saúde mental do indivíduo em sofrimento é necessário pontuarmos outros que vão além dos sofrimentos internos do mesmo. A partir

do momento em que ele é afetado, as pessoas e o ambiente em que ele frequenta vão estar passíveis de sofrimento, pois, uma vez que, a vítima experiencia vivências de violência que afetam sua compreensão de si e consequências relacionadas à sua autoimagem, torna-se mais desafiador o desenvolvimento de suas práticas em sociedade. Se o racismo ocorre na infância, pode trazer como consequências uma maior dificuldade de aceitação, desenvolvimento e autoestima, visto que na primeira infância ocorrem os marcos de desenvolvimento e formação de caráter, no entanto, se ocorre na adolescência, já traz consigo outras impossibilidades, como as de contribuir negativamente na projeção de futuro da vítima, e por fim, quando ocorrido na fase adulta pode trazer implicações na forma do adulto de vivenciar seus sonhos.

Uma das formas de combater o racismo é explicar o que ele é e promover o processo de conscientização da pessoa na sociedade. Quando se é propagado o que é racismo e seus efeitos na vida de quem sofre, torna-se mais eficaz a tentativa de combate. Mas, como combater algo sem antes saber o motivo pelo qual se combate? É justamente por esse motivo que se faz necessário expor os motivos pelos quais se deve lutar. De acordo com Nelson Mandela: “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar”. Ao compreendermos isso, se faz mais necessário entendermos a necessidade das práticas educacionais e uma cosmovisão que se dá a partir da igualdade.

\* *Músico e Psicólogo – Muriaé – M.G.*

# IMPACTO ECONÔMICO

§ *Rev. Filipe Montuan\**

Existe uma grande relação entre o racismo e economia que vai muito além da escravidão. A escravização foi a base não apenas da economia, mas também serviu para fomentar a construção de grandes impérios ao redor do mundo e isso é algo claro na história e não pode ser refutado. Contudo quando falamos do racismo nos dias de hoje mergulhamos em problemas muito sérios aos quais a sociedade e principalmente a igreja não podem ignorar.

Existem duas linhas de discussão quando falamos da relação entre racismo e economia. A primeira é a mais comum e afirma que o racismo é apenas uma questão comportamental de cada indivíduo atribuída a formação moral de cada um. A forma de se tratar esse problema seria por meio de uma atuação firme das autoridades judiciais e com programas educacionais que ajudem o indivíduo na sua formação moral. Gary Becker e Milton Friedman são grandes expoentes desse pensamento. Na segunda linha de abordagem o racismo não está ligado apenas ao comportamento individual, mas a uma falha sistêmica nas instituições e estruturas sociais que ajudam a moldar o comportamento dos indivíduos. Gunnar Myrdal e Arthur Lewis são pensadores que seguem essa abordagem<sup>1</sup>.

Baseado nessa segunda abordagem o racismo precisa ser considerado não apenas um problema comportamental, pois está intrínseco em nossas estruturas e por isso deve ser considerado

também um problema econômico. Se olharmos um estudo feito por Evilásio Salvador veremos que as mulheres negras pagam proporcionalmente mais impostos do que mulheres brancas<sup>2</sup>. O racismo é um grande fator que contribui para o aumento das desigualdades sociais incentivando assim outros problemas como fome, pobreza, violência além de outros tantos que assolam a comunidade negra.

O economista mexicano Luis Felipe López-Calva, Diretor Global de pobreza e equidade do Banco Mundial afirma que se tratássemos o racismo como um problema econômico e estrutural poderíamos desenvolver políticas sociais e públicas que trabalhassem o desenvolvimento econômico da comunidade negra. A falta de desenvolvimento econômico acaba sendo um fator que reforça a desigualdade social que tem relação direta com o racismo.

O racismo na economia não acontece apenas quando um empregador deixar de contratar alguém por conta da cor de pele, mas acontece quando entendemos que o racismo contribui diariamente para a fomentação da desigualdade social e vulnerabilidade que por sua vez interfere diretamente na vida econômica daqueles que são assolados com esses problemas

Mas qual deve ser a ação pastoral diante desse desafio? Primeiramente a igreja precisa entender que o racismo, sendo comportamental ou estrutural é um pecado que está em desacordo com a Palavra de Deus e por isso deve ser combatido. Paulo quando

<sup>1</sup>Racismo precisa ser tratado como tema fundamental da economia publicados pela Folha de São Paulo e escrito por Silvio Almeida e Pedro Rossi.

<sup>2</sup> Idem.

escreve aos Gálatas no capítulo 3.28 afirma: *“Não há judeu nem grego, escravo ou livre, homem ou mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”*. Essa é a mensagem do evangelho e a igreja não pode abrir mão dela: Somos um em Cristo Jesus.

A igreja sempre foi um agente de promoção social desde a sua concepção e deve se esforçar para levar essa transformação a todas as áreas do indivíduo incluindo economicamente. O pastor e sua igreja precisam se empenhar no combate às desigualdades sociais que são promovidas pela pobreza, fome, falta de conhecimento e racismo. O profeta Oséias fala no capítulo 4: 6 que o povo perece por falta de conhecimento e a igreja deve ser um caminho para a fomentação e propagação do conhecimento bíblico que ajudará a romper as cadeias estruturais formadas na sociedade.

Os impactos do racismo, não apenas economicamente, mas em todos os níveis estão em todo o tempo atingindo as pessoas da sociedade inclusive as que estão dentro de nossas comunidades. Por isso a igreja precisa fazer parte da construção de uma cultura que lute contra o racismo entendendo que não podemos estar alheios aos problemas sociais que interferem na sociedade.

Tratar o racismo como pecado é um dever da igreja, mas combater essa prática e seus impactos na sociedade também deve ser nosso foco. O evangelho é a nossa bandeira e carrega uma mensagem de transformação que deve nos impulsionar a fazer parte da luta contra o racismo e todos os problemas que são consequências dele. Que sejamos igreja triunfante, mas também profética.

# IMPACTO POLÍTICO: FÉ E CONSCIÊNCIA EDUCADORA PARA A VIDA

§ Rev<sup>da</sup>. Débora Blunck\*

**M**eu pai, Isaías Silveira, sempre nos ensinou a não discriminar ninguém. Esse tipo de educação começa em casa.

Depois, nas escolas públicas, não era falado naquela época, sobre a discriminação e o preconceito. Isso acontecia conosco crianças mais pobres e desassistidas.

No ensino médio fui aprendendo a lutar pelo meu espaço, como criança pobre e tímida. Amava estar na escola, não entendia muito bem, mas era um lugar em que, mesmo discriminada me sentia livre no conhecimento.

Quando cheguei na faculdade de teologia, senti na pele a discriminação sexista. Dá para escrever um livro. Inclusive, não tive bolsa de estudos como os/as demais colegas. Fui a primeira presbítera da minha região eclesial. Não ganhei espaço. Conquistei com muita luta o "meu" espaço.

Estudar o curso de direito, fez com que as pessoas passassem a me respeitar. No princípio do contraditório, e que tudo deveria ser com devido processo legal.

Quando houve o desaparecimento do Rev. José Magalhães, pude sentir o quanto este homem foi discriminado. No que ele disse à pessoa que o encontrou. Ele dizia a si mesmo: *"você é usado por Deus, seu trabalho é lindo, continue trilhando esse caminho, não se importe com a ingratidão"*, repetiu. *"O trabalho que você faz é único e que agrada a muita gente, você vai se surpreender"*.

Rev. José Magalhães teve uma participação eficaz nos concílios gerais, no sindicato e na sociedade. O conteúdo dele o fez ocupar

esses espaços, não porque ganhou, mas porque **conquistou** com muita luta interna e externamente. Eis o motivo por que as pessoas adoecem emocionalmente mais rápido que as outras. Teve que reagir muitas vezes quando sofria a discriminação e o preconceito.

Quero concluir ressaltando o papel de duas mulheres nestas olimpíadas, Rebecca Andrade e Beatriz Souza. Certamente não conhecemos de perto o sacrifício que elas passaram para chegar aonde chegaram. Mas chegaram e com muita garra. Não "ganharam", conquistaram.

Na igreja, no partido político, no sindicato e na sociedade em geral, é assim também. Só ganha quem atende os padrões pré-estabelecidos. São pessoas privilegiadas. Mas nós não ganhamos. **NÓS CONQUISTAMOS!**

\*Teóloga, Advogada e Pastora Metodista em Marataízes - E.S.

# IMPACTO NO MINISTÉRIO PASTORAL FEMININO

§ *Rev<sup>da</sup>. Claudia Cristina Ferreira Souza \**

Quando fui convidada pela revista de Combate ao Racismo, fiquei pensando por onde começar esse pequeno artigo. Logo meu amigo dos tempos de faculdades, disse: comece pela sua história.

Antes de contar um pouco de minha experiência de superação. É importante falarmos do racismo, que sem dúvida é algo muito complexo, um assunto que poucos estimam, mas é necessário falar e refletirmos sobre ele. Infelizmente o racismo é um problema que ainda enfrentamos em nossos dias. Podemos definir racismo como um conjunto de crenças e atitudes que atribuem características negativas a determinados grupos étnicos, com base em características físicas como cor da pele, origem étnicas, religião ou nacionalidade. Tais ideias racistas geram discriminação e violências ao longo da história.

É falar do racismo no ministério pastoral feminino é ainda mais complexo. Ao longo da história, as mulheres negras sempre desenvolveram um papel significativo na igreja cristã. Mas além do preconceito racial, enfrentam o preconceito de gênero. Em alguns contextos, a falta de respeito é tão severa, que ser mulher no exercício ministerial é uma luta contante.

Em geral, as mulheres negras estão inseridas num contexto socioeconômico desfavorável, onde precisam se sujeitar a grande carga de trabalho mal remunerado. Essa desigualdade social e econômica gera sérios problemas não só na vida da mulher, mas na vida de cada indivíduo negro e na sociedade. O preconceito gerado pelo racismo se manifesta de diversas formas, como piadas,

comentários maldosos que marcam a vida do ser humano, onde mina a criatividade, o crescimento e a alegria do ser humano.

Minha avó viu e ouviu muita coisa da escravidão, mesmo após a abolição, ela viveu um tempo de trabalhos escravo. Quando minha mãe nasceu, ela morava com cinco filhos numa pequena casa na estação de cavalos. Local onde os viajantes deixavam seus cavalos, após chegar à cidade. Uma vida totalmente marginalizada e discriminada. Para ajudar meu avô, minha avó além de trabalhar na “casa de família”, lavava roupas para fora, e as crianças trabalhavam em trabalho domésticos ainda bem pequenas e não podiam estudar. Esse era o destino de toda a família. Vovó, no desespero para dar um pouco de dignidade à minha mãe, a levou para trabalhar em uma fábrica de tecidos, aos 14 anos de idade. Fato que só foi possível, porque ela não tinha registro de nascimento, e ao fazer naquele momento, alterou quatro anos em sua idade. Só assim conseguiria a vaga no trabalho.

Cresci ouvindo muitas histórias contadas pela minha avó. Mas foram as do tempo do cativo em Miracema, nossa cidade de origem, que marcaram profundamente minha vida. Tudo era contado com tanto respeito pela memória dos nossos antepassados que, sobre minha mente de criança, sobrevinha assombro, tristeza e medo. E quando chegava no final das histórias, ela dizia: estuda, estuda e se apaga com Jesus Cristo. Nessa época não conhecíamos a igreja protestante, na década de 70, havia pouquíssimas igrejas evangélicas

em nossa cidade, e as que existiam, eram fechadas em si mesma.

Além das histórias de escravidão que meus antepassados viveram, ela sempre contava a história da escrava Anastácia, todos ficavam tão atentos que parecia que nem estávamos respirando, o silêncio e o assombro tomava o ambiente. Hoje entendo que ao contar aquelas memórias vivas, ela estava nos ensinando o que era resistência. Ainda hoje vivemos histórias de dor, de exclusão, de práticas racistas, de diferenças sociais. E principalmente a mulher negra é a mais afetada pela chaga do racismo institucional.

Aos 8 anos de idade tive que sair para trabalhar, agora as coisas haviam melhorado um pouco, em relação a época da infância da minha mãe. Podia trabalhar no período da manhã e estudar no período da tarde. Fato que prejudicava muito meu aprendizado e para acompanhar a turma precisava de me esforçar muito. Enquanto meus amigos brincavam a noite, eu estudava. A voz de minha avó ecoava em minha cabeça: estuda, estuda... Isso foi me fazendo uma pessoa curiosa, aprender coisas novas era como um robe, então estudar para mim era um luxo, uma oportunidade de mudar de vida.

Hoje sei, que muitos, mesmos estudando e trabalhando duro, nem sempre tem a oportunidade de uma vida mais digna. Lido com pessoas e conheço muitos negros que vivem em situações desumanas. Conheço pessoas que sentem vergonha da cor de sua pele, de seus cabelos, da miséria social e econômica em que vivem. Pessoas que perderam a esperança de uma vida de igualdade e respeito.

Já passei por várias experiências preconceituosas que marcaram minha vida. Tais experiências fazia-me ter um senso de inadequação, ou seja, não me sentia adequada. Às vezes, sobrevinha uma sensação de ter nascido debaixo de uma sentença de dois "Ps": preta e pobre. Na infância ouvia que mulheres negras e pardas eram boas para ser dançarinas de escolas de samba e excelentes procriadoras. Cresci oprimida, envergonhada e sem expectativas de vida. Tinha vergonha de ser quem era. Porque muitas vezes a sociedade me fazia sentir inferior, burra e feia. Sem direito ao sol.

Aos vinte dois anos, apresentaram Jesus para mim, Igreja Metodista em Miracema. E foi

na classe de escola dominical, que aprendi que Deus não faz acepção de pessoas, At e que Nele não há judeu, nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos são um em Cristo. (Gl 3.28). Isso foi libertador! Aqui começou meu processo de superação.

Mais tarde, fui chamada para o ministério pastoral, porém Deus teve que tratar muito meu coração para aceitar essa missão. Descobrir que ainda existia em mim sentimento de inferioridade, fato que me fazia tímida ao extremo. Já na faculdade de teologia sofria alguns preconceitos, o que mais marcou minha vida, foi um acontecimento na portaria da universidade. Morava no alojamento de seminarista, naquele dia minha carteira de identificação havia desaparecido, precisava sair do campus onde morava. Ao chegar ao portão, uma aluna, loura de pele branca de outro curso, estava também sem a sua carteira, porém a liberação para ela foi instantânea e negada para mim. Aquilo me causou muita indignação. Nesse mesmo período fui acusada de emprestar minha identificação para indivíduos não bem-vindos ao Campus. Fui entender que minha carteira estudantil foi furtada e ainda estava sendo acusada.

Não sei explicar o misto de sentimentos de raiva e revolta... Me sentir indefesa. Percebi que estava sendo vítima de racismo. Aquele episódio foi tão duro para mim, que resolvi não deixar mais me abater pelo preconceito. Aquele dia passei a não me esconder, mas ir à luta pelos meus direitos como cidadã e filha de Deus. Naquele dia algo nasceu dentro de mim e entendi que nós mulheres negras podemos ser o que desejássemos ser, mas não seria fácil.

Todos os seres humanos independentes de seu estado social, sua religião, sua cor, sua escolaridade são dignas de respeito, cada um de nós temos o nosso próprio valor. Porém precisamos ser os primeiros a nos respeitar. Precisamos também entender que respeitar os outros, mas não nos respeitar é tão pecado, como a falta de respeito dos outros em relação a nós mesmos. Nelson Mandela tem uma frase que faz todo sentido para mim. Ele diz: Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender. E se elas podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar. A partir daquele

dia comecei a me amar mais. Aquela triste experiência me ajudou a enxergar como ainda é forte o racismo em nosso país.

O racismo é uma lepra que precisa a ser combatido diariamente. E para combater essa praga, precisamos de espaço como esse, onde podemos falar sobre o tema e ajudar as organizações a criar uma cultura de inclusão e medidas práticas contra o preconceito, seja ele institucional, estrutural ou qualquer tipo de racismo. Dar visibilidade a voz dos homens e mulheres negros é um ato de coragem, humanidade e amor.

Espero que um pouco da minha escrivência, contribuía para incentivar principalmente as mulheres negras do Brasil a superar suas dores e limitações que o preconceito gerou em sua jornada. Que de alguma forma, seja uma contribuição de resistência e empoderamento, para as comunidades excluídas pelo racismo. Agradeço por espaço que promove a valorização e o reconhecimento da diversidade e das riquezas das experiências negras. Oro para que Deus nos ajude a construir uma sociedade mais justa e igualitária. Para que a igreja de Cristo, seja voz profética contra todo sistema antivida como é o racismo.

# IMPACTO NA VIDA DA MULHER E LÍDER NEGRA

§ Rev<sup>da</sup>. Rosemary Barbosa\*

A liderança feminina, desde os primórdios, enfrentou desafios como: desvalorização, falta de representatividade, poucas oportunidades, dentre outros. Hoje, os jornais, as revistas, a internet e a televisão não omitem essa realidade ensurdecedora: o “racismo e preconceito” em nossa nação, quiçá no mundo. Encontramos atualmente biografias publicadas sobre pessoas que passaram por esses tempos difíceis. Não precisamos ir muito longe dentro do nosso círculo de amizade – e porque não dizer até em nossas igrejas! Quantas mulheres negras que foram afetadas por esse mal chamado “racismo e preconceito”.

Agora, em se tratando da mulher negra, ainda hoje há uma busca à ascensão profissional. Sabemos que há uma luta pela igualdade racial, pela criação de políticas inclusivas e pelo combate às desigualdades. Mesmo assim, enfrentamos dificuldades para romper as barreiras impostas pelo racismo no mercado de trabalho. Às vezes de maneiras sutis, marginalizando e excluindo mulheres negras. Para a mulher negra, não é tão simples ocupar um lugar de liderança.

O trajeto até vivenciar este momento é árduo, pois, temos que vencer o racismo e o preconceito, além de mostrar nosso potencial – que muitas vezes não é acreditado pelo mercado de trabalho, mesmo havendo capacidade para ocupá-lo. Temos um percentual muito baixo de mulheres negras que ocupam cargos de líderes no Brasil. Apesar de enfrentarmos algumas dificuldades, as mulheres negras têm rompido as barreiras e marcando presença, ocupando papéis de

liderança e mostrando competência na execução do trabalho. Vivemos num mundo avariado, mas não somos produtos de sua depravação. Apesar de lidarmos com a repercussão de atos ruins de muitas pessoas, sabemos o nosso valor como pessoas.

Devemos trazer a memória que todos os seres humanos foram criados a imagem e semelhança de Deus. *“Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à imagem de Deus o criou homem e mulher os criou”* (Gênesis 1.26-27). Quando entendemos esse lugar que temos em Deus, vencemos essas desigualdades e ocupamos nosso lugar mesmo em uma sociedade racista e preconceituosa. Quanto mais mulheres negras ocuparem lugares de liderança, maiores transformações fundamentais serão geradas na sociedade.

Ocupando um lugar de liderança, precisamos incentivar outras mulheres negras que ainda pensam não estarem aptas para ocupar determinadas vagas de empregos (ainda que tenham formação e qualificação para tal), muito por conta do racismo. São mulheres que necessitam ser alcançados pelo Evangelho, pois o Evangelho é libertador e está ao alcance de todos/as. Sabendo que *“Deus não trata as pessoas com parcialidade”*. (Romanos 2.11).

Quando tratamos as pessoas com desprezo, desvalorizando-as, tirando delas oportunidades que as são de direito, ferimos a quem Deus ama.



O racismo e o preconceito tem sido uma praga que tem se propagado por milhares de anos. A pergunta é: até quando essa praga continuará se propagando? A resposta a esta pergunta é: até quando continuarmos aceitando esse tratamento e não ocuparmos o nosso lugar nesta sociedade.

Como mulheres negras que somos, entendemos que o que determina a nossa capacidade de ocupar ou não a liderança não é a cor da nossa pele, e sim, a compreensão que temos de nós mesmas, bem como de onde queremos chegar. Uma sociedade racista e preconceituosa não determina o lugar que nós mulheres negras vamos ocupar, mas sim a nossa atitude diante desta sociedade. Isso que fará a diferença. Por isso, não podemos esquecer quem somos em Deus e o que Ele pensa a nosso respeito.

*“Porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês, diz o Senhor, planos de fazê-los prosperar e não de causar dano, planos de dar a vocês esperança e um futuro” (Jeremias 29.11).*

Pautados nesta Palavra, que diz que a cada dia vencemos e atingimos os lugares altos que Deus tem para nós, não vamos abrir mão desta verdade.

# IMPACTO NO ESPORTE

§ *Rev. André Luiz da Silva\**

O racismo está sustentado na crença da superioridade de uma raça sobre as outras e resulta na prática de discriminação sistemática com base nessa crença. Tal discriminação pode se manifestar de várias formas, incluindo discriminação institucional, negação de oportunidades iguais, estereótipos e preconceitos enraizados na sociedade.

O racismo no universo esportivo tem uma longa história. Retratada em filmes, como o chamado “Raça” (2012) sobre as olimpíadas de Berlim, na Alemanha, com o ditador Adolf Hitler no poder em 1936. Foi nesse contexto que o atleta negro Jesse Cleveland Owens, nascido em Alabama (EUA), se tornou o primeiro atleta a vencer quatro ouros em uma Olimpíada e, com a sua vitória, desafiou diretamente a crença na superioridade da raça ariana. Jesse Owens entrou para a história pelo momento simbólico: ele foi o homem negro que subiu ao pódio em pleno regime nazista.

O atleta relatou em uma biografia que o racismo que sofreu não ocorreu somente na Alemanha, mas também em seu país de origem, já que, o então presidente, Franklin Roosevelt, não lhe enviou um telegrama parabenizando-o pela conquista. Ele conta que, ainda, foi obrigado a entrar pela porta de trás da Casa Branca enquanto seus outros companheiros brancos da equipe entraram pela porta da frente.

Além deste, outros filmes contam sobre a realidade do racismo esportivo, principalmente no contexto estadunidense, e tratam, também de outras modalidades, como: no basquete dos

EUA (Estrada para a glória – 2004), no futebol americano (Duelo de Titãs – 2001) e no beisebol (A história de uma lenda – 2013). Assim, desde a segregação racial nos EUA até as recentes injúrias e insultos racistas direcionados aos jogadores de futebol na Europa e na América do Sul incluindo, o Brasil, estamos diante de uma realidade preocupante que precisa ser enfrentada.

Uma das manifestações mais visíveis do racismo no esporte é a injúria racial direcionada a atletas negros e isso pode incluir insultos raciais vindos das arquibancadas, comentários depreciativos em mídias sociais e comportamento discriminatório por parte de atletas e treinadores. Assim, passa a ser um problema a permissividade nos campos e quadras em nome da passionalidade do torcedor. Até que ponto a torcida tem o direito de tentar desestabilizar um atleta da equipe adversária utilizando insultos por conta da cor de sua pele ou qualquer outro motivo? Qual é o limite?

Em geral, nas quadras e estádios, especialmente no Brasil e na América do Sul, parece não haver limites ao olharmos os constantes insultos sofridos por atletas negros/as dentro e fora do País. Durante anos como esportista, fui insultado de forma racista e até punido por árbitros quando, em algumas ocasiões, discuti com torcedores por estas ofensas. O que ouvia era que o negro não aguenta pressão. Também fui reprovado quando, em uma final ou lance decisivo, errava uma bola e, nessas ocasiões, ouvia da própria torcida: “não pode por um preto para cobrar um lance decisivo, eles amarelam sempre”.

A verdade é que enquanto posturas mais duras com quem pratica ou finge que não tem responsabilidade com isso não forem tomadas, avançaremos muito pouco nesta luta que é de todos e todas que servem a Deus.

*“Se vocês de fato obedecerem à lei do Reino encontrada na Escritura que diz: ‘Ame o seu próximo como a si mesmo’, estarão agindo corretamente. Mas, se tratarem os outros com parcialidade, estarão cometendo pecado e serão condenados pela lei como transgressores.” Tg. 2.8-9*

Muitas organizações esportivas têm realizado campanhas para conscientização sobre o racismo no esporte, estabelecido regras rígidas para punir o comportamento discriminatório e incentivado a diversidade em todos os níveis, desde o recrutamento de atletas até a contratação de treinadores/as e funcionários/as com o objetivo de criar um ambiente verdadeiramente inclusivo. Ainda, muitos países têm leis que proíbem a discriminação racial no esporte.

Por fim, é importante ressaltar que a luta contra o racismo no esporte deve ter como horizonte, também, a real desigualdade de oportunidades de carreira, o acesso limitado a recursos e a falta de representatividade em cargos de liderança.

Ações direcionadas ao enfrentamento do racismo no esporte em várias instâncias podem ter um impacto positivo na conscientização sobre discriminação em geral, levar a mudanças sociais mais amplas e a um futuro mais justo e inclusivo.

Nesse sentido, a luta contra o racismo deve ser prioridade para garantir um ambiente equitativo em todos os setores da sociedade e a Igreja, também, deve assumir sua responsabilidade no enfrentamento do problema. As palavras de Jesus devem ecoar em nossos corações: “Ame o teu próximo como a ti mesmo.”

# NÓS, METODISTAS

# IGREJA METODISTA: AS CONTRIBUIÇÕES PARA ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA NO BRASIL

§ *Rev. Juarez Ferreira de Jesus\**

**P**ara melhor compreensão do trabalho metodista no contexto da escravidão no Brasil, durante o século XIX, é preciso relembrar alguns fatos históricos.

Depois da descoberta e invasão do Brasil pelos portugueses, em 1500, não demorou muito para que fosse adotada a prática de substituir os indígenas por escravos negros oriundos da África. Trabalho escravo e opressor que se estendeu por cerca de 300 anos. Somente no século XIX ocorreu um empenho mais intenso de muitos personagens na luta pela libertação e emancipação dos escravos negros no Brasil. Um desses personagens, de maneira discreta, se encontrava o povo metodista, atuante através dos missionários pioneiros. Portanto, não se pode contar a história sobre o abolicionismo no Brasil sem fazer menção da participação efetiva do povo metodista.

O objetivo aqui é situar o metodismo mineiro no contexto da escravidão e libertação de homens e mulheres negros no ambiente do Brasil Imperial. Nesse ambiente, é necessário mencionar a importância do O Rev. Fountain E. Pitts. O clérigo metodista foi voluntário para a missão metodista inédita nas terras brasileiras. O seu destino foi o Rio de Janeiro, capital imperial do Brasil. A sua chegada se deu em 1835. O Brasil era recém independente. Em relatório enviado à Conferência Anual do Tennessee (EUA), o Rev. Pitts informou que a Igreja Episcopal já mantinha trabalho aqui (SALVADOR, 1982, p. 17).

Como resultado da independência, a população se via no direito de expressar

livremente o que pensava. Nesse momento, as ideias progressistas estavam sendo articuladas e vociferadas entre políticos e intelectuais os quais tinham a ambição de transformar o país em uma grande e destacada nação no cenário mundial, uma vez que o Brasil havia conquistado definitivamente, a sua independência de Portugal. Um dos primeiros objetivos traçados por esses homens era erradicar a escravidão africana que perpetuava de maneira resistente nas terras brasileiras. Nesse contexto, outros fatores implicavam na instabilidade político-religiosa do Brasil Independente. As relações entre o novo governo e a Igreja Católica se encontravam abaladas. A educação fundamental era precária.

A eclosão da Guerra dos Farrapos no Sul (1835) que durou cerca de dez anos causava inconstância e insegurança conjuntural em todo o país. Por outro lado, havia uma sensação de esperança, o Brasil experimentava de maneira animadora as condições políticas apropriadas para o intercâmbio comercial com outros países. Esse estado foi marcado pela chegada de imigrantes e o crescimento da agricultura. É nesse ambiente que os metodistas se encontravam proporcionando a sua contribuição.

Infelizmente, a história do povo brasileiro desde sua formação, tem se ocupado somente daquilo que está documentado, isto é, daquilo que é reconhecido e considerado oficial pelos órgãos e instituições governamentais. E, lamentavelmente, a documentação existente encontra-se sob a guarda e gestão da classe dominante, isto devido ao fato de ser uma história escrita e narrada

por ela. No entanto, existem historiadores empenhados que estão rompendo com esse sistema mesmo enfrentando dificuldades de acesso às fontes originais. Um dos principais exemplos desse domínio refere-se ao trabalho da Igreja Metodista que contribuiu para o processo de abolição da escravatura, especialmente, nas terras mineiras. A historiografia oficial brasileira não faz menção do trabalho importante realizado pelos metodistas durante esse evento.

No entanto, segundo Salvador, É excusado dizer que os protestantes no Brasil viam com simpatia o desenvolvimento do Republicanismo, embora estimassem o Imperador. É que, não só tinham obtido algumas vantagens através de medidas propostas por membros desse partido, como depositavam nele a esperança de melhores dias. Sua plataforma de modo geral, possuía o caráter que convinha às seitas evangélicas (SALVADOR, 1982, p. 93).

O papel dos numerosos africanos escravizados no Brasil Independente era extremamente penoso. Para um país independente com anseio de desenvolver-se em todos os setores, a escravidão ainda constituía-se elemento político, econômico e religioso contraditório. Havia uma preocupação constante sobre a necessidade de encontrar outro modelo de relação de trabalho economicamente viável, tanto quanto o trabalho escravo (BARBOSA, 2002, p. 104). Mas, a intenção nacional voltava-se totalmente para a abolição e emancipação dos escravos. Era necessário um decreto abolicionista já. Sobre os escravos africanos só restavam trabalhos deprimentes como cuidar da agricultura, animais, transportes de mercadorias, venda ambulante nas ruas, servir nas casas ricas sob a égide do ‘Sinhô’ e da ‘Sinhá’ (SALVADOR, 1982, p. 20).

O trabalho dos protestantes nesse cenário enfrentava divergências criadas por alguns missionários pioneiros recém-chegados no Brasil, isto por orientação de suas denominações ou agências missionárias. Segundo José Carlos Barbosa, Desde sua implantação no Brasil, o protestantismo compreendeu que as discussões a respeito da escravidão poderiam se tornar gradativamente perigosas, além de, principalmente, dificultar enormemente o trabalho prioritário de instalação. É o caso do Rev. Ashbel Green Simonton, que em setembro de

1859, teceu comentários antiescravistas os quais lhe causaram prejuízos em sua posição e criaram barreiras diante de seus ouvintes (BARBOSA, 2002, p. 149). Somente algum tempo depois que essa situação foi revertida.

### **No cenário das controvérsias estabelecidas por alguns protestantes, qual foi a contribuição do metodismo para o processo e consolidação da abolição da escravidão?**

Através de seus missionários, os metodistas, fincaram raízes em Minas Gerais ainda no contexto da abolição da escravidão africana. Em 1886, a Igreja Metodista, na cidade de Juiz de Fora, contava com cerca de 33 membros brasileiros e estrangeiros (SALVADOR, 1982, p. 113). Havia perseguição por parte dos fiéis católicos e da polícia local. No entanto, havia o contrassenso, por exemplo, na fazenda de um homem simpatizante do evangelho, que havia solicitado a celebração de um culto, além de pessoas brancas incluía-se um número considerável de escravos (SALVADOR, 1982, p. 131). A Igreja Católica, não olhava com bons olhos o trabalho evangelístico realizado pelos missionários e pastores metodistas. O metodismo seguia a sua rota missionária valendo-se dos meios de comunicação de que dispunha tanto em Minas Gerais, entre os fazendeiros e as pessoas simples, especialmente na região de Juiz de Fora, Rio Novo, Ouro Preto. Visitavam e pregavam o evangelho nos lares e o resultado geralmente era a formação de congregações. A mesma dinâmica se desenvolvia em São Paulo e Rio de Janeiro, mas sempre sob as perseguições instituídas pelo catolicismo romano.

Os missionários metodistas, clérigos e leigos, eram empenhados, ousados e incansáveis. Enquanto os “romanistas” e “papistas” dedicavam tempo em persegui-los, os metodistas cumpriam a sua missão também na dimensão social e política. O evangelho nunca foi deixado de lado. A sua proclamação era prioridade bem como estilo de vida. Era preciso levar as pessoas livres e os escravos aos pés de Cristo. As pregações contemplavam os temas da justiça, da retidão, da igualdade, da salvação eterna e terrena, entre outros. Assim, no processo da abolição dos escravos.

*A Missão Metodista não podia ignorar o movimento (abolicionista); como de fato não ignorou. Certa vez a igreja do Catete entregou uma oferta à*

*Câmara do Rio para ajudar nas alforrias. Todavia, por motivos que ignoramos, o Expositor Cristão guarda absoluto silêncio sobre o antiescravismo [...] A emancipação, evidentemente, produziu consequências de toda sorte (SALVADOR, 1982, 158).*

Para concluir, o metodismo não só esteve no contexto abolicionista, mas participou ativamente no processo apoiando os militantes na libertação dos escravos. Após essa conquista, os metodistas, a exemplo de outras denominações protestantes, não nutriu preconceito étnico-racial. Dentro de suas condições, após a realidade se sua alforria, os metodistas acolheram de maneira solidária e cristã ex-escravos, pois a muitos deles faltava-lhes condições plenas para a sua sobrevivência. Segundo Salvador (1982), logo após o 13 de maio de 1888, durante a Conferência Distrital realizada no Rio, o Rev. Wolling expressou:

*“Os negros têm tanta capacidade quanto os brancos para entender e praticar o evangelho [...] Eles devem ser procurados nas fazendas e receberem o nosso encorajamento e a nossa ajuda [...] As igrejas devem, para isso, oferecer-lhes fraternidade e os meios para se sustentarem e progredirem”*

*(SALVADOR, 1982, p. 162).*

Conforme algumas literaturas e documentos produzidos desde John Wesley, no século XVIII, o metodismo priva pela justiça e combate a todo e qualquer tipo de discriminação racial, de opressão política, econômica, social e religiosa. A Igreja Metodista entende, aceita e prega, que “Deus não faz acepção de pessoas” (At. 10. 34; Rm. 2. 11; Ef. 6. 9), como registram as Escrituras Sagradas e que o ser humano foi criado à sua imagem e semelhança para servi-lo (Gn. 1. 26-30), pois em seu reino todos são iguais (Gl. 3. 28). O povo metodista, conhecedor de sua missão e competências não é indiferente à luta pelos direitos humanos que propõem dignificar o ser humano subjugado pelo sistema hegemônico e dominador do ponto de vida político, econômico, social e religioso e no combate ao racismo que, além de ser crime, ainda é praticado no Brasil de maneira acintosa e vergonhosa.

O metodismo mineiro se enquadra nessa militância e, por isso, historicamente, cumpriu e cumpre a sua missão na resistência e no combate às práticas racistas e discriminatórias por meio da educação, envolvimento nos trabalhos sociais, projetos, participação nas instituições sociais e por meio da Igreja.

*\*Teólogo, Historiador, Filósofo e Pastor Metodista  
Itabira - M.G.*

# A IGREJA METODISTA: O COMBATE AO RACISMO, AS LEIS E SEUS DOCUMENTOS

§ *Rev<sup>da</sup>. Sabrina Garcia Montuan\**

**E**mbora o termo “racismo” tenha surgido no século XX, o combate aos diversos males sociais que oprimem ao ser humano, sempre esteve presente desde a origem do metodismo. Os primeiros escritos metodistas publicados não falam especificamente sobre o termo racismo, mas trata de uma consequência do pecado do racismo, a escravidão, como os Pensamentos sobre a escravidão de John Wesley publicado em 1774. Ele também deixou cartas que datam de 1787 e 1791, nas quais deixa claro sua posição contra a escravidão, além de outras publicações. Falando sobre a Igreja Metodista no Brasil, o Credo Social da Igreja Metodista cuja primeira versão datada de 1918, trata da busca de uma vida humana mais elevada e do mínimo suficiente à vida, mas ainda não trata especificamente do racismo.

As Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista, aprovado pelo XIII Concílio Geral, realizado em 1982, buscavam desenvolver uma ação educacional que contribuísse para a formação do sujeito consciente visando libertar os oprimidos. Essa preocupação com uma educação cristã que liberta das injustiças e males sociais como o racismo estão presentes até hoje, sendo aperfeiçoadas pelo tempo, e constam no Art. 26, IV, item 6 dos nossos Cânones:

*Art. 26 - O 13º. Concílio Geral aprovou as seguintes diretrizes para a educação na Igreja Metodista: [...]*

*IV - O que devemos fazer [...]*

*Com base nesses posicionamentos, ficam estabelecidas as seguintes Diretrizes Gerais: [...]*

*6 - Toda a ação educativa da Igreja deverá proporcionar aos participantes condições para que se libertem das injustiças e males sociais que se manifestam na organização da sociedade, tais como: [...], o racismo...*

Poderia citar muitos outros documentos que expressam nossa luta contra as desigualdades publicados no decurso do tempo até datas mais recentes, mas quero agora falar sobre os mais recentes. Em 2011 a Igreja Metodista no Brasil publicou a Carta Pastoral sobre o Racismo e criou o Programa Nacional Antirracismo da Igreja Metodista. A partir daí temos vários conteúdos específicos sobre o tema, que vão de documentos redigidos por diversos autores até uma série de vídeos. Esse conteúdo é acessível a todos através do Portal Nacional da Igreja Metodista, na aba Pastorais, no título Combate ao Racismo. A Igreja Metodista sempre lutou e pregou contra o racismo, contra a desvalorização e a desumanização, contra a injustiça, contra todo mal, porque tudo isso é pecado e o pecado é incompatível com o Evangelho de Jesus Cristo. Nossa preocupação vai além do combate ao racismo hoje e com as futuras gerações de metodistas. Nossa responsabilidade em vivenciar o poder transformador da palavra de Deus vai além do combate ao racismo hoje. É também o compromisso de educar as futuras gerações de metodistas observando nossas leis e documentos para que o pecado do racismo seja finalmente erradicado, e a igualdade do Reino de Deus seja finalmente uma realidade em nós.

Que possamos conhecer todo esse material que está à nossa disposição, para nos engajarmos cada vez mais no combate ao pecado do racismo, para que a cada dia possamos nos aproximar de um mundo mais justo e sem discriminação, nos aproximando do Reino de Deus.

*\*Bacharel em Direito, Teóloga, Capelã e Pastora Metodista Vitória-E.S.*

# A QUESTÃO DOS “PRETOS” NA AUTONOMIA DA IGREJA METODISTA

§ *Rev. Cilas Ferraz de Oliveira\**

A questão racial na Igreja Metodista no Brasil pode ser compreendida sobre aspectos históricos relacionados ao processo de autonomia da Igreja Metodista brasileira em relação a norte americana, que se deu nos meados de 1920 a 1930. Neste período destaca-se a atuação do pastor Metodista, Guaracy Silveira, que posteriormente foi eleito como deputado federal pelo estado de São Paulo em 1930 e 1940. Neste presente trabalho vou descrever a visão deste pastor sobre a impressão que ele obteve sobre a questão racial nos EUA e comparando-a com a situação no Brasil naquele momento, e como isto poderá explicar a falta da discussão sobre o racismo no processo de autonomia da igreja Metodista brasileira.

No ano de 1926 aconteceu em Memphis nos EUA uma Conferência Geral da Igreja Metodista Episcopal Sul daquele país, e neste momento a Igreja Metodista Brasileira ainda era uma missão não autônoma desta igreja norte americana. Nesta conferência teve a presença de uma delegação brasileira, com cinco pessoas, e entre elas estava o pastor Guaracy Silveira. Neste momento ele escreveu diversos artigos relatando sua admiração quanto ao que via nos EUA para o Expositor Cristão, jornal da missão brasileira desta igreja Metodista. Ele fez diversas observações sobre os avanços tecnológicos e comportamentais do povo norteamericano, em destaque descreveu a questão racial naquele país.

Guaracy mencionou diversas impressões suas sobre a questão racial nos EUA, e relacionou estas com o Brasil. Para ele as pessoas negras

nos EUA estavam em melhores condições que no Brasil. Em destaque a cidade de Nashville onde os negros tinham Universidades e Igrejas próprias. Destaca-se alguns textos publicados de sua autoria no jornal Metodista Expositor Cristão (EC), e neste texto observa-se a impressão dele sobre a situação no sul dos EUA em 1926, e a observação sobre a mistura racial que poderia levar ao “embranquecimento” da população ao longo dos anos em ambos os países, como no Brasil. E na visão dele a mistura de raças ia fazer acabar a raça negra.

*– A maior parte do que dizem sobre pretos e brancos nos EUA não é verdade. Tanto aqui quanto no Brasil a raça tende a acabar. Vimos poucos pretos de lei. Tem havido grandes cruzamentos e para um preto dever haver 5 ou 6 mestiços. O cruzamento de branco e preto aqui dá um typo muito semelhante ao nosso índio, ou descendentes de índios. Não há a separação de que tanto se fala em escala maior do que a separação que existe no Brasil... Aqui há mais oportunidades para o preto. Em Nashville há três universidades para pretos. Vimos brancos nos bondes cederem o lugar a senhoras de cor. É verdade que os próprios homens de cor gostam de suas reuniões, egréjas, etc, como no Brasil elles têm suas sociedades 13 de maio e outras. E nota-se que estamos no sul. Entretanto é bem possível que haja mais alguma cousa que não pudemos descobrir. – Conferência Geral (III) – E.C., 09/06/1926).*

Guaracy percebeu diferenças entre as regiões sul que era mais racista do que na região

norte dos EUA. Nesta a situação a separação observada no Sul era muito grave, levando entende que não condizia com o Evangelho de Jesus Cristo anunciado pela Igreja, como relatado no Expositor Cristão naquele momento.

*No Norte não existe separação, apenas no sul. Judeus etec. Também se separam. É razoável. Entretanto essa separação vai a níveis incompatíveis com o cristianismo. Um branco não pode passear ao lado de um irmão preto, ou com uma senhora preta, sem vexame, e nem assentar-se em um bonde ao lado de um homem de cor. Não se pode tolerar que 2 ministros de Cristo, um preto e um branco, não possam viajar ao lado um do outro e dormir sob o mesmo teto. Todavia a questão é social e não religiosa.*

Nas três conferências (norte, centro e sul) da igreja Metodista brasileira que foram realizadas em 1927 foram discutidos vários temas relacionados a um questionário elaborado na conferência geral realizada nos EUA em 1926. Neste foram abordados diversos temas relacionados sobre a autonomia da igreja e da sociedade, mas infelizmente não teve nenhum aspecto relacionado a questão do racismo.

Na minha compreensão isto pode ter ocorrido devido a ideia expressa pelo Guaracy Silveira, que era comum na sociedade nesta época, que o processo da miscigenação e conseqüente “embraquecimento” da população poderia proporcionar a superação da questão racial no Brasil e na própria igreja Metodista. Sabendo-se que a separação entre brancos, pardos e negros é intolerável diante do Evangelho, e infelizmente este pensamento de miscigenação impediu uma discussão necessária e urgente na igreja Metodista no tocante a esse problema no Brasil.

\*Teólogo, Sociólogo e Pastor Metodista  
Belo Horizonte – M.G.

# PASTORAL NACIONAL DE COMBATE AO RACISMO: IGREJA METODISTA NO BRASIL

§ *Rev<sup>mo</sup>. Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa\**

A Igreja Metodista, reunida no 13º Concílio Geral, no ano de 1982, aprovou o Plano Para a Vida e a Missão do Metodismo Brasileiro. Como sabemos, este Plano foi resultante dos Planos Quadrienais de 1974 e 1978; que culminaram numa ampla Pesquisa Nacional de 1981, desenvolvida junto as Regiões Eclesiásticas, Campos Missionários e diferentes segmentos das Igrejas locais.

Assim, à luz do Plano para a Vida e Missão da Igreja, homens e mulheres metodistas negros e negras, entenderam da necessidade de trazer à agenda da Igreja, a questão do racismo e da discriminação histórica de homens e mulheres negras, ao longo de quase 400 anos de regime escravocrata em nosso País. Também, movidos/as pelo Espírito Santo, que gera vida, e reconhecendo vários movimentos sociais de combate ao racismo e a discriminação dos/as afrodescendentes, postos na sociedade, entendeu-se a necessidade da Igreja Metodista, à luz do Evangelho e de nossas raízes libertários do metodismo histórico, participar desta luta, buscando a igualdade de direitos e de equidade de oportunidades e do reconhecimento e da valorização às pessoas afrodescendentes, dentro e fora da Igreja

Assim, iniciou-se um difícil e árduo trabalho pedagógico, educativo e bíblico-teológico e resgatar os valores do Evangelho de Cristo e da tradição bíblico-teológica do Metodismo, os fundamentos libertários; bem como o reconhecimento de que a prática da fé cristã é incompatível com o racismo, a discriminação do ser humano criado à imagem de Deus.

Este foi o combustível histórico para organizar as Pastorais Regionais de Combate ao Racismo e à Discriminação, bem como de programas de enfrentamento desta temática; oferecendo à Igreja, espaços de fraternidade e de mútua conversão da Igreja a esta luta; na promoção de Seminários, Encontros, Oficinas e de material didático-pedagógico para esta discussão.

Assim, no Concílio Geral de 1986, a partir esta organização cria corpo, inspirada no protagonismo de Rev. Antônio Olímpio de Santana, e de outros irmãos e irmãs identificados com esta causa.

Criaram-se os Ministérios Regionais voltados à temática, que ao curso de quatro décadas foram tomando forma de Pastorais. Cada Pastoral Regional organizada vêm, desde então, desenvolvendo ações e criando um ambiente de reflexão e discussão, nos quais buscamos refletir com a Igreja alguns indicadores:

1. As raízes econômicas e sociais da Diáspora Africana, produzida pela Escravidão e seus pressupostos históricos-políticos-sociais-religiosos e ideológicos estabelecidos ao longo de quase 400 anos. Importante lembrar que o Brasil foi o último País a pôr fim à Escravidão nas Américas. Esta história precisa ser revista constantemente.
2. A necessidade de se conhecer a importância de uma releitura bíblico-teológica e histórica; os efeitos do olhar de supremacia branca europeia, em relação aos negros e negras; uma visão crítica construtiva, considerando a sua longa história do trabalho escravo impingido

aos negros e negras, sujeitos a imposição de condições desumanas de sujeição, de inferioridade e de desvalia na sociedade brasileira; cujos reflexos são visíveis hoje e se expressam muito claramente nos indicadores sociais e econômicos da população brasileira.

3. A construção comunitária de ações e iniciativas produtoras de práticas libertadoras, e de ressignificação do ser humano negro, no contexto da sociedade brasileiro e do metodismo.
4. Promover o resgate do sentimento de negritude e de pertença a uma herança africana, escamoteada no processo de sequestro, subjugação e assassinato de africanos e africanas, sedimentada nas práticas escravagistas eurocêntrica, e na negação e ocultamento desta realidade.

Ratificamos o posicionamento da Pastoral Nacional, expressa em documento oficiais da Igreja, que o racismo é, teologicamente, um pecado e, juridicamente, um crime.

\*Teólogo, Linguista e Coord. Nac. Pastoral de Combate ao Racismo da Igreja Metodista

# CAPELANIA METODISTA PROMOVENDO IGUALDADE RACIAL

§ *Discípulo de Cristo\**

**A** Capelania Carcerária, ao contrário do que se pensa, não é uma ação que “paparica” preso, mas, é uma iniciativa que provoca espaço de encontro e conexão entre o detento, sua família e ao poder público. A Capelania Carcerária trabalha em parceria com serviço social penitenciário, ação judicial e todo poder público. Essa Capelania não se limita a fazer cultos, missas e aconselhamentos, mas, se estende a ouvir o detento e acompanhá-lo quando preciso, uma vez que essa Capelania prima pela dignidade do detento.

A vida no cárcere tem sua ética e sua moral, e é nesse momento, que o convívio com outros detentos, pode trazer animosidades. O racismo em cadeias e presídios é presente sim, e é muito evidenciado, quando em conversa com a família, percebe-se o desejo daquela família, que o seu ente querido, não esteja ou não seja conduzido para cela A, B ou C, ou estar ou ir para uma cela mais vazia. A família imagina que aquele detento, não deve, ou não pode ficar em uma cela junto com pessoas as quais essa família considera nociva!

E quando questionada como é o perfil de pessoas nocivas, essa família tem como primeiro requisito, uma pessoa preta. Vale destacar, que o racismo no cárcere é também percebido, quando nos momentos de banho de sol, forma-se os “bondes”, que são grupinhos, os quais pessoas pretas fazem parte, mas, são sempre elas as responsáveis pela limpeza da cela, compra, venda e distribuição de cigarros, envio e recepção de mensagens, mas, são elas as culpadas ou responsáveis pelos transtornos que possam

acontecer neste convívio. Pouquíssimos detentos, são líderes pretos. No ano de 2022, segundo a Secretaria Nacional de Políticas Penais, no Brasil, a comunidade carcerária totalizava aproximadamente 800 mil detentos, sendo 80% de pretos e pobres.

Já a Secretaria de Justiça e Cidadania, afirma que o racismo é ainda mais evidente quando se trata de menores infratores. Estes estão recolhidos em casas de reeducação social, mas têm acesso a escola, passeio assistido e são motivados terem profissão para quando completarem 18 anos, saírem e serem conduzidos para o mercado de trabalho e reintegrados a vida em sociedade de forma ordeira. Porém, essa mesma secretaria, ao abrir iniciativas para reintegração social desses menores direcionando-os ao mercado trabalho, 80% das empresas, ao perceber que o menor é preto, não o acolhe. No ano de 2022, o Brasil registrava aproximadamente 23 mil menores infratores internados, sendo, 65% de pessoas pretas.

A Capelania Carcerária prima pela dignidade humana e acredita que todos os detentos são recuperáveis. Essa Capelania, tem como texto motivador, o registro de Mateus 25.35-36. Acredita-se que cuidar é uma forma de reeducar e dar a pessoa uma nova história de vida para vida.

*\*Por questão de segurança, o autor solicitou anonimato.*

# CAPELANIA ESTUDANTIL

§ *Rev. João Marcos Garcia de Matos\**

“Ninguém jamais viu a Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é, em nós, aperfeiçoado.”  
(I João 4.12)

**E**xercendo sua função pastoral e pedagógica de representar a visão da Igreja dentro das Unidades Escolares, a Pastoral Escolar e Universitária trabalha a necessidade do combate ao racismo envidando esforços em várias frentes com o propósito da conscientização deste relevante tema.

A primeira frente tem como alvo, os alunos e as alunas da Educação Infantil ao Ensino Médio com Assembleias mensais com o tema da Igreja Metodista para o ano, como mencionado anteriormente a intenção principal para um início de reflexão é demonstrar o significado e as consequências do preconceito dentro e fora do ambiente escolar. Isto porque o preconceito é o sentimento negativo sobre algo ou alguém que em princípio não se conhece o necessário para se emitir uma opinião.

Este preconceito parte de uma visão estereotipada da sociedade que tem sua origem na formação de cada indivíduo que, em um primeiro momento reflete uma aversão, mas quando se transforma em uma ação que não só rejeita mais também separa e humilha, já se caracteriza numa discriminação. É esta discriminação que levou povos e etnias à aniquilação e em muitos casos à extinção no transcorrer da história. O tema abordado demonstra a necessidade de conhecer e relacionar com as pessoas antes de qualquer

pré-julgamento além da importância do abrir o coração em direção aos ensinamentos bíblicos sobre o amor de Deus a todas as pessoas com o objetivo de oportunizar a experiência da prática do amor ao próximo.

Em um outro momento de Assembleias o propósito é focar na abordagem dirigida para o Combate ao Racismo. Um destaque especial é evidenciado sobre o Bullying e o Cyberbullying que tem afetado diretamente crianças e adolescentes e prejudicado no seu desenvolvimento acadêmico e emocional. A Assembleia que é composta de louvor, oração, reflexão bíblica através de dinâmicas, testemunhos ou vídeos com relatos reais de racismo, objetiva impactar e provocar atitudes com base nos valores do evangelho. As Assembleias se desenvolvem com a participação e integração efetiva dos e das discentes.

Outra ação direcionada ao Combate ao Racismo acontece através de palestras promovidas com a parceria da Pastoral Escolar e Coordenação Acadêmica da Faculdade. É uma atividade dentro do Calendário da Faculdade que se propõe a provocar uma reflexão sobre as diferenças dentro do ambiente universitário e que perpassa as relações humanas no exercício da cidadania.

A terceira frente se direciona a professores e professoras como também para funcionários e funcionárias por meio de devocionais semanais que ocorrem na sala dos professores e no refeitório com textos reflexivos sobre os preconceitos e dentre eles, o racismo existente no ambiente de trabalho e na vida. Este espaço além

da reflexão é composto de momentos de orações direcionadas às necessidades dos e das participantes.

Uma quarta proposta já acontece através da participação da CONAPEU (Coordenação Nacional das Pastorais Escolares e Universitária) que dentro de uma agenda de datas comemorativas destaca o Combate ao Racismo com reflexões também através de textos que são escritos pelos pastores e pelas pastoras no site das Unidades da Rede Metodista de Ensino. Esta iniciativa se direciona a um público mais abrangente, contudo, a constatação de consultas às plataformas digitais é que elas são acessadas de forma majoritária pelos pais e familiares dos alunos e das alunas.

Todas estas frentes levam em conta o número menor de negros e negras nas escolas particulares comparados às escolas públicas, constatando assim, uma imposição social que caracteriza que o ambiente quer seja no colégio ou na faculdade, reproduz o reflexo do racismo estrutural presente em nosso país. Como Pastoral Escolar e Universitária, na percepção das diferenças e no entendimento da necessidade de superação do preconceito e do racismo, temos o propósito de passar os valores do reino de Deus demonstrando a importância da consciência crítica de acordo com a ótica divina, almejando uma sociedade igualitária e justa para todos e todas.

# CAPELANIA HOSPITALAR

§ Rev<sup>da</sup>. *Mara Ferreira de Araújo Pedro*\*

**T**rabalho há 9 anos em uma instituição de saúde, como capelã hospitalar. Diariamente, nossa equipe de capelania acompanha pacientes, bem como seus familiares, advindos de realidades muito distintas, especialmente a realidade socioeconômica. São pessoas atendidas por planos de saúde ou particular e, a maioria, pelo SUS, oriundas da região metropolitana, do interior, da zona rural ou até mesmo de estados vizinhos.

Por outro lado, o serviço de capelania também atende aos funcionários e demais colaboradores da instituição. São profissionais das áreas mais diversas: diretores, médicos, gestores, psicólogos, auxiliares de serviços gerais, de manutenção, assistentes sociais, copeiros, seguranças, enfermeiros e técnicos, engenheiros, auxiliares administrativos, etc. Da mesma forma, são pessoas de vivências e realidades sociais muito distintas.

Tudo isso mostra o quanto heterogêneo é o nosso ambiente de trabalho e, embora as questões ligadas à saúde do corpo sejam as mais presentes e o principal foco da nossa atuação, certamente que essa diversidade nos traz outras questões que demandam atenção e cuidado. Uma delas são os conflitos revelados através dos relacionamentos interpessoais do cotidiano e as tensões que afetam diretamente as emoções, sejam de forma consciente ou inconsciente. Estes conflitos podem surgir através de: ruídos de comunicação, atitudes de intolerância, assédio, discriminação, preconceitos, dentre outros, que apontam para o problema das

desigualdades – algo muito mais profundo e estrutural do que individual.

Assim, uma boa parte do nosso trabalho é desenvolvido no sentido de levar as pessoas a refletirem sobre os valores da vida (a própria e a do outro): o respeito, a tolerância, a paciência, a perseverança, a paz, a fé, o amor, etc. Esses valores são baseados nos ensinamentos de Jesus e no seu exemplo. Através das atividades diárias: devocionais, orações, leitura da Bíblia, canções pelos corredores, aconselhamentos, visitas, etc., a mensagem que nos preocupamos em transmitir, é: - Embora diferentes e devamos respeitar estas diferenças, fomos criados imagem e semelhança de Deus. Nesse sentido, também somos iguais. Desta forma, não há ninguém maior e melhor que ninguém. No ambiente hospitalar, servimos e cuidamos de pessoas que não conhecemos e buscamos para esses o melhor tratamento e a restauração integral. No Reino de Deus se quisermos ser importantes devemos ser servos uns dos outros.

Não é um trabalho fácil, mas é o caminho para que possamos viver o grande mandamento de Lucas 10: 27: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”.

\*Teóloga, Assistente Social, Capelã Hospitalar e Pastora Metodista – Vitória-E.S.

# CAPELANIA MILITAR

§ Rev<sup>da</sup>. Luciana Soares Régo\*

*“...para que não haja divisão no corpo; pelo contrário, cooperem os membros, com igual cuidado, em favor uns dos outros. De maneira que, se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, com ele todos se regozijam.”*

I Co. 12. 25-26

Como assistente religiosa, procuro nas fileiras da nossa Polícia sempre lembrar a todos e todas que somos uma *Corporação*, portanto *um corpo com muitos membros* com a nobre missão de servir e proteger. Tanto nas devocionais oficiais, quanto nas conversas informais e na prática de esportes, sempre digo: “ajude o seu irmão de farda”, não trate assim o seu irmão – somos irmãos e irmãs, um corpo, membros uns dos outros”.

Tenho usado muito a ilustração do Apóstolo Paulo sobre a comparação com um corpo humano: assim como Deus dispôs os membros do corpo como lhe aprouve, da mesma forma, Deus nos constituiu autoridades militares e nos colocou nesta corporação como membros uns dos outros, de maneira que não há nem preto, nem branco, nem direita e nem esquerda, nem escravo e nem livre – nós somos um. A nossa vida depende um do outro, sabemos que nas muitas ocorrências e missões um dá cobertura para o outro.

Da mesma forma que estou dando cobertura ao meu irmão de farda, o outro irmão está me dando cobertura, ou seja, a nossa vida está confiada ao amor e cuidado de uns para com os outros. A cabeça não pode dizer aos pés: não preciso de vós, nem podem os olhos dizer

às mãos: não precisamos de ti. Pelo contrário, todos e todas são necessários nas fileiras desta corporação. Também tenho quebrado o protocolo e conduzo a devocional desafiando a tropa a olhar um para o outro, estender a mão para o seu irmão e dizer: você é importante nesta corporação, você é necessário nas nossas fileiras, se você sofre, eu também sou e se você é honrado, eu me alegro contigo.

Outro fator que julgo importante é que, como Pastora, tenho tido acesso aos comandantes, e procuro sempre sensibilizá-los em relação a todos e todas que necessitam de uma atenção específica. E com a graça de Deus, temos tido resultados positivos. Também nos grupos de *WhatsApp* quando percebo alguma mensagem que contenha conteúdo preconceituoso, racista, procuro, com muito tato, dar uma palavra para provocar reflexão. Espero no Senhor e na força do Seu poder que de alguma forma eu possa dar a minha contribuição enquanto representante do Reino de Deus na Polícia Militar de Rondônia.

\*Teóloga, Sargento 2º BPM - RO e Pastora Metodista Ji-Paraná - R.O.

# METODISMO EM MINAS GERAIS: UM POUCO SOBRE A VIDA E O TRABALHO DO REV. FELIPPE REVALE DE CARVALHO

§ *Rev. Gercymar Wellington Lima e Silva\**

A contribuição dos missionários e missionárias metodistas para a implantação do Evangelho no Brasil não pode ser esquecida nem renegada. Do ponto de vista histórico, é justo tal reconhecimento, mesmo que tenhamos considerações e críticas em relação a teologia missionária e ao modo como desenvolveram a evangelização, como versam dissertações e teses consagradas sobre a chegada do metodismo no Brasil e sua relação com elites progressistas e as classes dirigentes do país.

É imperioso reconhecer também a importância que o metodismo teve na criação de importantes educandários no processo de consolidação do protestantismo em terras brasileiras. Inicialmente, queremos compartilhar mais uma vez sobre a chegada e o desenvolvimento do metodismo em terras brasileiras, priorizando o metodismo em Minas Gerais, recordando, portanto, um pouco sobre a vida e o trabalho de Felipe R. de Carvalho, um dos primeiros obreiros metodistas negro que surgiu em nossa nação. Conforme James L. Kennedy, Felipe R. de Carvalho foi "as primícias do Evangelho entre os brasileiros de Juiz de Fora", considerado também "um dos mais devotados pregadores do Evangelho aos seus patrícios" (KENNEDY, 1928, p. 37.).

Como outrora já compartilhamos, a inserção do metodismo em Minas Gerais é fruto inicial de um "planejamento do missionário John James Ransom". Nem tudo ocorreu conforme o planejamento de Ransom, pois ele mesmo não pode viajar para cumprir seu propósito de iniciar a missão no novo campo - o Estado de Minas - cabendo ao

missionário James L. Kennedy a responsabilidade de assumir o plano de trabalho para o estabelecimento do metodismo em Minas Gerais, iniciando o concurso da pregação do Evangelho na cidade de Juiz de Fora, cidade antecipadamente escolhida no planejamento de Ransom.

É fundamental lembrarmos mais uma vez a participação de Samuel Elliot, Hermann Gartner e Ludgero Miranda, que foram precursores dos metodistas na cidade mineira. Historicamente, relata-se que eles foram enviados pelo missionário Ransom para assessorar a chegada de um missionário na cidade, que, em princípio, seria ele mesmo. Como lembrou James L. Kennedy, Samuel Elliot era escocês, de educação presbiteriana; Heman Gartner era alemão e quanto à religião, originalmente luterano; e por último Ludgero de Miranda, brasileiro, paulista e educado no romanismo. Cabe ainda lembrar que a missão metodista e a evangelização protestante foram, de um modo geral, marcadas pela forma simples e rudimentar de evangelizar dos missionários, porém eficaz e contundente, no contexto do século XIX.

Certamente, haveríamos de lembrar de muitos outros missionários e obreiros, como J. L. Becker, Antônio Araújo, J. W. Tarboux, Ludgero de Miranda, J. R. de Carvalho, Olympio Alves Fontoura, H. C. Tucker, João E. Tavares, entre outros. No entanto, chamamos a atenção para a vida e o trabalho de um dos primeiros obreiros nacionais que surgiram no contexto da missão em Minas Gerais, conhecido pelo seu destemor de anunciar Jesus Cristo em circunstâncias

consideradas não só desafiadoras, mas também limites do ministério pastoral. Não foi por acaso que James L. Kennedy o considerou como as primícias do Evangelho em Minas. Referimos exatamente ao pastor Felipe Revale de Carvalho. Não é sem pretensão que buscamos também nessas linhas prestar uma homenagem aos pastores e as pastoras metodistas, que não medem esforços para dar continuidade a pregação do Evangelho em terras brasileiras, transmitindo, simultaneamente, a herança e o legado metodistas. Nem sempre temos possibilidade de nos valermos de todos os fatos com prova documental. Inegavelmente, quando se trata de investigação, estamos sujeitos as influências de pessoas que nos precederam na pesquisa, assim como a novas descobertas, novas informações que até então eram desconhecidas, assim como a estudos dedutivos e, principalmente, a influências interpretativas. Certamente, o que nos faz atentar para a figura de Felipe R. de Carvalho é o fato de ter sido um servo do Senhor com a capacidade de vivenciar a renúncia de uma vida cômoda, para trabalhar suprindo espiritualmente o rebanho aonde quer que fosse enviado, seja [ou fosse] para implantar novos campos missionários ou para pastorear o rebanho do Senhor que lhe era confiado. Elencamos, a seguir, alguns dados biográficos de F. R. de Carvalho.

### "Traços biográficos de Felipe Revale de Carvalho"

Conforme Isnard Rocha, Felipe Revale de Carvalho era natural da Bahia, nascido no ano de 1870, vindo a falecer em 1911. Era moço ainda quando veio residir na cidade de Juiz de Fora, MG. Um de seus primeiros ofícios em Minas foi o de tipógrafo (ROCHA, 1967, p.69.). Há indícios de que além de obreiro e pregador, ele tenha sido auxiliar do missionário James L. Kennedy, no ofício de tipógrafo.

A conversão de Felipe Revale de Carvalho ocorreu de forma muito curiosa. Tendo ouvido dizer das realizações de uma conferência na cidade, sendo tão ignorante do Evangelho naquele tempo, propôs-se "comprar o bilhete e pagar a entrada na casa de Culto" (Cf. Expositor Cristão citado por BARBOSA, 2005, p.59.). Sem dúvida, [F. R. de Carvalho]

está "contado entre os primeiros convertidos, pelo trabalho metodista, no Estado de Minas Gerais" (ROCHA, 1967, p.69.).

Conforme James L. Kennedy e Isnard Rocha, logo após sua profissão de fé não demorou ser licenciado exortador e recomendado à Conferência Trimensal para ser pregador, trabalhando ativamente no florescente trabalho da Igreja Metodista em Minas Gerais. "Seu ministério de 24 anos de trabalho ofereceu-lhe a oportunidade para ocupar nove cargos pastorais, tendo como destaque sua influência na conversão de João Evangelista Tavares e Antônio J. de Araújo Filho (ROCHA, 1967, p.69.).

À modo de conclusão, lembramos que a carreira de Felipe Revale de Carvalho como pregador do Evangelho o levou a ordenação diaconal, em 17 de agosto de 1890, e em seguida a eleição de presbítero, tornando-se honrado membro da Conferência Annual. No ano de 1894, foi dignificado com a distintiva condição de missionário da Conferência. Sua vida não foi longa, no entanto seu testemunho de vida e de trabalho missionário são de relevância histórica para análise do metodismo brasileiro, preconizando a atuação de pastores negros nativos no cenário nacional.

• **Curiosidade:** Na cidade de Cataguases, Minas Gerais, em homenagem ao Rev. Felipe Revale de Carvalho. Foi dado seu nome a uma das ruas da cidade. C.E.P. 36774-130.

### BIBLIOGRAFIA:

BARBOSA, José Carlos. Salvar e educar: o metodismo no Brasil do século XIX. Piracicaba: CEPEME, 2005.

KENNEDY, James L. Cincoenta annos de Methodismo no Brasil. São Paulo: Imprensa Metodista, 1928.

ROCHA, Isnard. Pioneiros e bandeirantes do metodismo no Brasil. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1967.

\**Rev. Gercymar Wellington Lima e Silva [in memoriam]*

• *Pastor na Igreja Metodista na 4ª R.E.*

• *Especialista em Estudos Wesleyanos*

• *Coordenador Regional do Ministério de Arquivo e Memória Igreja Metodista - 4ª Região Eclesiástica [2008]*

# IGREJA METODISTA NÃO COMPACTUA COM O RACISMO

§ *Profª Aparecida Elaine Fabiano\**

## **Combate ao Racismo à Luz da Bíblia Sagrada: Um Chamado à Ação da Igreja de Cristo**

O racismo é uma questão profundamente enraizada na sociedade, refletindo preconceitos e discriminações que ferem a dignidade humana. A Igreja cristã, comprometida com a justiça social e a igualdade, tem a responsabilidade de se posicionar firmemente contra essa prática. À luz da Bíblia Sagrada, podemos encontrar princípios e ensinamentos que nos guiam nesse combate.

1. A Criação do Ser Humano: Igualdade e Dignidade - no livro de Gênesis, Deus cria o ser humano à Sua imagem e semelhança (Gênesis 1:27). Esse versículo fundamental nos lembra que cada pessoa, independentemente de raça ou etnia, carrega a marca do Criador. Essa verdade deve nos levar a tratar todos com respeito e dignidade, reconhecendo que nossos irmãos e irmãs são parte da mesma família humana.

2. O Amor ao Próximo: Um Mandamento Central - Jesus nos ensina em Mateus 22:37-39 que o maior mandamento é amar a Deus e amar ao próximo como a nós mesmos. O amor transcende barreiras raciais e culturais. Como igreja, somos chamados a promover um ambiente de acolhimento e inclusão, onde todos se sintam valorizados e amados. A prática desse amor exige ação: devemos confrontar atitudes racistas e promover um diálogo aberto sobre diversidade.

3. A Diversidade no Corpo de Cristo - em 1 Coríntios 12:12-14, Paulo fala sobre a diversidade dentro do corpo de Cristo. Cada membro tem

seu lugar e sua função, independentemente de sua origem étnica. Essa diversidade é uma riqueza que deve ser celebrada! A Igreja deve ser um reflexo do Reino de Deus, um lugar onde todas as vozes são ouvidas e respeitadas.

4. Justiça e Libertação - a Bíblia também nos chama à justiça. Em Miquéias 6:8, somos instruídos a fazer justiça, amar misericórdia e andar humildemente com Deus. O compromisso da Igreja com o antirracismo é uma expressão desse chamado à ação. Devemos trabalhar para dismantelar estruturas injustas que perpetuam o racismo em nossa sociedade.

5. Testemunho através da Ação - como cristãos, nosso testemunho deve ir além das palavras; deve se refletir em nossas ações. Isso inclui educar-nos sobre o racismo estrutural, apoiar iniciativas que promovam igualdade racial e ser vozes ativas na luta contra a discriminação racial em todas as suas formas.

O combate ao racismo não é apenas uma responsabilidade social; é uma missão espiritual que se alinha aos ensinamentos de Cristo e aos valores da Igreja de Cristo. Ao unirmos nossas vozes e ações contra essa injustiça, testemunhamos o amor transformador de Deus no mundo. Que possamos ser agentes de mudança, promovendo um futuro em que todos sejam tratados com dignidade e amor.

*\*Historiadora e Filósofa*

*Membra da Igreja Metodista no Porto - Muriaé-M.G.*

# ENTREVISTA

*por Rev. Ozéas da Silva Alvarenga*

§ *Professor Carmelindo Rodrigues da Silva – Fundador da Pastoral de Combate ao Racismo na 4ª R.E*

## *01. Conte-nos um pouco de sua história:*

R: Nasci em Simonésia, Minas Gerais. Quando tinha quase dois anos, meus pais mudaram para Manhuaçu/MG. Estudei até o segundo grau nesta cidade. Em 1969 participei de uma seletiva da Usiminas que buscavam jovens para fazer um curso de eletricitista industrial em Ipatinga/MG. Fui aprovado, fiz o curso e fui contratado como eletricitista no início de 1970. Casei-me com Iêda Araújo Pina, minha amada esposa, em 1975, cerimônia realizada na igreja Metodista de Acesita pelo reverendo Silas Neves. Conclui o curso de Tecnologia em Manutenção de Máquinas e Equipamentos na UNIMEP em 1979. Trabalhei na antiga Acesita, hoje APERAM, de 1979 a 1995. Fui diretor do Centro Comunitário Metodista de 1995 a 1999 (na época, o Prefeitura Municipal de BH aprovou uma moção honrosa ao Centro Comunitário por relevantes serviços prestados à comunidade e a Creche Cavalinho de Pau, tornou-se referência neste serviço pela prefeitura de BH). Terminei o mestrado em Educação na UNIMEP em 2001; doutorado em Educação em 2005. Fui designado e atuei com secretário municipal de Timóteo de 2007 a 2008. Passei em primeiro lugar no concurso público da Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA em 2009. Trabalhei nesta instituição até me aposentar em 2023. No ano de 2016, morei em Portugal, e conclui o pós-doutorado em história na Universidade de Coimbra/ Portugal. De 2018 até agosto de 2023 atuei na UFERSA como presidente da Comissão Permanente de Heteroidentificação racial e ministrei oficinas de formação para os componentes das bancas de identificação. Hoje sou membro da igreja metodista de Coronel Fabriciano e assessoro o bispo emérito Luiz Virgílio na Pastoral Nacional de Combate ao Racismo, quando necessário.

## *02. Havia muitos negros na igreja que o senhor frequentava? E como era a sua relação com eles?*

R: De 1956 (ano da conversão de minha mãe) até 1969, meu último ano em Manhuaçu, só havia um negro na igreja, que era eu mesmo. Surgiu mais um, mas, ao que parece, não se sentia muito negro (tendia para pardo). A relação com este novo irmão era bem cordial, próxima.

## *03. O preconceito que já existia, era presente na igreja? De que forma?*

R: Uma única criança negra em uma igreja predominantemente de brancos dos anos 50 (1950), com certeza haveria alguns desencontros. No entanto, a igreja metodista de Manhuaçu desta época pode ser considerada tolerante. O que fazia a diferença para esta tolerância racial era uma liderança fortíssima que esta igreja tinha naquela época. Falo do professor Elias Boaventura, um ferrenho antirracista; Yêda e Leda Rocha educadoras de alto nível e que tratavam todos/as como verdadeiros irmãos. Elias Boaventura foi a primeira pessoa a me falar de racismo naquele início de anos 1960.

Ele me disse: esta cidade é racista. Neste contexto, uma pessoa negra precisa de ser brilhante para poder disputar espaço com brancos medíocres. Para quem não teve o privilégio de conhecê-lo, Elias Boaventura era branco. Esses três irmãos/as, especialmente, não discriminavam ninguém. Trabalhavam para inclusão social de todos/as, através da educação. No entanto, vez por outra algum irmão, dentro da igreja, requentavam a falácia que os povos africanos eram descendentes Cam (amaldiçoados) e havia outros/as que não verbalizavam preconceitos explícitos, mas que procuravam manter uma certa distância de pretos. Há que se destacar a nomeação do reverendo Natanael Teixeira para Igreja de Manhauçu, um verdadeiro servo de Deus. Ele era negro. Foi ele que me aproximou do professor Elias Boaventura, conseguindo-me um trabalho, sem que eu pedisse, no antigo Colégio Manhauçu – eu aceitei. Reverendo Natanael era muito ético. Por divergências, da época, sobre dons espirituais, deixou a igreja metodista, indo para a Wesleyana.

#### *04. Com a chegada da pastoral, o que mudou na igreja?*

R: Não mudou muita coisa, mas, funcionou como um freio de arrumação. Quem deixava o seu preconceito solto, passou a se cuidar um pouco mais. No entanto, poderia ter sido mais proveitoso se toda a liderança da igreja tivesse compreendido em um só tempo, que racismo é pecado. A verdade é que lideranças leigas e muitos pastores, desde o início, discordaram da necessidade da necessidade da pastoral ou de falar sobre racismo e preconceito na igreja. Ainda hoje tem quem afirme que esta questão é pauta de esquerda (como se a bíblia não condenasse a discriminação). Provavelmente, está faltando ainda maior profundidade bíblica.

#### *05. O senhor conhecer Olímpio Santana? E o que ele representou para esse novo tempo para nossa igreja?*

R: Sim! Meu primeiro contato com o reverendo Santana foi no final de 1964, início de 1965 em Manhauçu. Santana, ainda solteiro, vinha de uma primeira nomeação na Bahia. Na igreja metodista de Manhauçu, eu não tenho lembrança do reverendo Santana tratando da questão racial. Mas, já era, nessa época, uma pessoa bem sociável. Em 1979 foi criado na UNIMEP o Movimento Universitário Contra o Racismo. Tive a felicidade de ser um dos fundadores desse movimento. Creio que em 1980/1981, o reverendo Santana foi nomeado para a pastoral da UNIMEP. Uma de suas atribuições foi dar continuidade a este movimento universitário. Parece-me que ele decidiu trabalhar mais no âmbito da Igreja Metodista. Ele foi especialmente atencioso em incentivar a criação do ministério em todas as regiões eclesiásticas da Igreja Metodista. Em seguida, ele expandiu o projeto do ministério de combate ao racismo para outras igrejas evangélicas, como a IPB, por exemplo. Tomei conhecimento que ele se empenhou para que o movimento chegasse até algumas igrejas evangélicas da América do Sul. Nos concílios da quarta região e nos concílios gerais, ele defendeu algumas pautas da pastoral de combate ao racismo. Ele tinha bons contatos internacionais. Sim. Sem dúvida alguma Antônio Olímpio Santana foi pessoa que se destacou na luta contra o racismo.

#### *06. Além de Olímpio Santana, quais negros o senhor cita na militância contra o racismo na Igreja Metodista? E qual deles te chama mais atenção? Por quê?*

R: Reverendo (ex) Osvaldo de Souza - pastoral da Grambery, Reverendo Derly Silva, Reverendo Aladir Raimundo de Oliveira, Iêda Araujo Pina, Ana Luiza Pina Silva, Professor Gerson (Instituto Bennet 1ªRE), Keila Guimarães, Reverendo Melquias (1ª RE), Zípora (1ª RE).

- Na verdade, temos duas pessoas que precisam ser mencionadas: **Marília Schuller**: Mulher negra, militante de destaque. Mesmo estando, na época, residindo fora do Brasil, Marília como representante da Igreja Metodista do Brasil no CMI, direcionou algumas verbas, após análise criteriosa de projetos consistentes, para atividades do ministério da quarta região e que pode ser estendido a atividades maiores.

- O professor Gerson sempre foi um militante de primeira hora. Contribuiu decididamente, juntamente com sua esposa e outras/os, na organização, principalmente, da primeira consulta internacional de combate ao racismo que aconteceu na igreja da Taquara no Rio de Janeiro.

### *07. Como foi a escolha do seu nome como o secretário regional dessa pastoral?*

R: O bispo Adriel costumava dizer: para ter um ministério é preciso ter um serviço a ser feito. É preciso mostrar serviço. Com a desistência do reverendo Osvaldo (Granbery) da coordenação da pastoral, eu que vinha trabalhando esse ministério em Timóteo, Vale do Aço, desde minha saída, após conclusão de minha graduação na UNIMEP, fui o nome escolhido pelo bispo.

### *08. Como foi a implantação dessa Pastoral na 4ª R.E?*

R: Não foi fácil. Nos concílios regionais da 4ªRE acontecia os encontros da militância. Havia participantes que discutiam, apresentavam propostas de trabalho, criticavam e depois nada faziam. Porém, outros trabalhavam, mesmo que devagar. Concluímos que seria mostrando serviços que a pastoral se firmaria. Os concílios da quarta região passou a abrir espaço para exposição de trabalhos realizados (fotos e relatos). Isto foi positivo, mostrava que era possível fazer.

### *09. Qual foi a reação das Igrejas e dos Pastores?*

R: Muitos pastores achavam que não havia necessidade de um ministério ou pastoral de combate ao racismo. Ao mesmo tempo, o tema era um tabú dentro igreja. Ninguém tratava deste pecado, porque dentro da igreja “éramos todos irmãos”. A verdade é que muito pastores não queriam confrontar suas memórias, seja por medo ou por suas próprias convicções. A solução foi pedir aos pastores que tínhamos uma relação mais próxima para falar na sua igreja. Porém, algumas vezes, os ouvintes eram somente os negros mais corajosos desta igreja, em um inadequado horário especial. Desde esta época, minha opinião, era que este tema deveria ser abordado sempre que necessário e nos cultos e como tema de escola dominical. Por alguém bem-preparado para enfrentar um possível contraditório.

### *10. Com o tempo, quais foram os resultados da pastoral em nossa igreja?*

R: Acredito que a igreja começou a compreender que racismo é pecado. Algumas lideranças negras da igreja que não demonstravam uma consciência racial, começaram a repensar seus posicionamentos. As críticas ácidas de um primeiro momento, reduziram um pouco. Quando perceberam que, sem a ajuda financeira da igreja, a pastoral da região já tinha distribuído 300 livros didáticos, bem escolhidos, nas escolas municipais do Vale do Aço tratando do tema tolerância racial, tiveram também que repensar. Por fim a primeira revista de combate ao racismo foi publicada, voltada para professores/as do ensino fundamental em parceria com a prefeitura de Timóteo. O bispo Adriel de Souza Maia fez a apresentação desta revista. O Ministério de Combate ao Racismo da quarta região, depois pastoral, promoveu também três importantes encontros de formação birregional com a primeira região eclesiástica. O primeiro encontro aconteceu no Instituto Granbery, em Juiz de Fora, onde definimos nossa pauta (combate) na área da educação. Tivemos dois outros encontros na antiga fazendinha do Izabela Hendrix. No último encontro vieram 90 irmãos e irmãs do Rio de Janeiro. Lideranças despontaram nesses encontros. Tivemos dois outros importantes encontros no Rio de Janeiro. Um no Instituto Bennett e outro na Igreja de Vila Izabel (creio que foi na criação da pastoral nacional). Benedita da Silva e Antônio Pitanga estiveram presentes e um representante da IPB.

### ***11. Como o senhor vê a Igreja Metodista frente ao tema do racismo no Brasil?***

R: O posicionamento oficial da Igreja Metodista é muito claro, mas já foi mais evidente. Hoje, temos um bispo emérito à frente da pastoral nacional, e, com alegria percebemos todo o seu empenho na luta contra o racismo. No entanto, continuamos sabendo que tem lideranças contrárias ao trabalho das pastorais, porque continuam julgando desnecessária. Cento e trinta e seis anos depois da abolição da escravidão, se não fosse necessário este pecado não mais existiria entre nós e na sociedade brasileira,

### ***12. O senhor acredita que a Igreja Metodista, por meio da pastoral, está escrevendo um legado? Qual?***

R: Sim! A Igreja Metodista está inserida na sociedade. A igreja sofre influência da sociedade, ao mesmo tempo que precisa influências está sociedade. Nós metodistas precisamos deixar bem claros quais são os nossos valores como verdadeiros cristãos. Amamos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos? Se positiva a resposta, nosso valor será forte como uma rocha. Enfim, temos que nos espelhar também no abolicionista João Wesley, o fundador do nosso movimento. Agiu também fora dos púlpitos para acabar com a escravidão na Inglaterra, usando toda sua influência. Instou o povo metodista para libertar seus escravos. Declarou que a escravidão era uma vilania. Está é uma tradição que nunca poderia ser esquecida.



# PRETO = COR NEGRO = ETNIA RAÇA = HUMANA

§ *Rev. Billy Fádel Machado Rampinelli*

Ao virarmos a última página desta edição da Revista SOMOS 1, um sentimento de profunda gratidão e esperança enche nossos corações. Cada autor e autora, com suas palavras cuidadosamente tecidas, compartilharam conosco um pedaço de sua alma, suas vivências, seus desafios e suas vitórias na luta contra o racismo. Sentimos suas palavras ressoarem em nós, despertando em cada um de nós a urgência de continuarmos juntos nessa jornada por um mundo mais justo.

O racismo, essa ferida aberta na alma do nosso país, distorce a própria essência do Evangelho. Com o tema "Igualdade Étnica: Os Metodistas no Combate ao Pecado do Racismo", esta revista se torna um farol de esperança, um chamado à ação para todos aqueles que acreditam em um Deus de amor e justiça. Aqui, encontramos vozes unidas, ecoando a certeza de que em Cristo, as diferenças se dissolvem na unidade do Seu amor, e somos, verdadeiramente, irmãos e irmãs.

Não podemos ignorar o racismo, esse pecado que teima em se entranhar em nossa sociedade, manchando nossa história e roubando a dignidade de tantos. Como Igreja Metodista, não podemos nos silenciar diante do sofrimento do nosso próximo. Guiados pelos ensinamentos de Jesus e inspirados pelo legado de luta e resistência do metodismo, renovamos nosso compromisso em combater o racismo em cada canto, em cada fresta onde ele se esconde.

As páginas desta revista revelaram o rosto multifacetado do racismo, presente nas sutilezas das relações cotidianas e enraizado nas estruturas que moldam nossa sociedade. É uma batalha que exige de nós perseverança, coragem e, acima de tudo, um coração transbordante de amor e compaixão. Mas não estamos sozinhos nessa jornada: a força que vem de Deus nos sustenta e nos impulsiona a cada passo.

Celebramos a riqueza da diversidade que colore a Igreja Metodista. Somos diferentes, sim, em nossas cores, culturas e histórias, mas unidos pelo amor de Cristo, construindo juntos um futuro onde a justiça e a igualdade floresçam. É essa unidade, essa força coletiva, que nos impulsiona a continuarmos lutando, certos de que a cada passo que damos, nos aproximamos do Reino de Deus, um Reino onde o racismo não encontra lugar.

A mensagem que emana destas páginas é um convite à transformação: "não basta apenas não ser racista, precisamos ser antirracistas". Precisamos olhar para dentro de nós mesmos, confrontar nossos preconceitos, lutar por igualdade e justiça em cada esfera da vida e sermos instrumentos de cura e reconciliação em uma sociedade marcada pela dor. A Igreja Metodista, com seu legado de ativismo social e compromisso com a libertação, é chamada a liderar essa transformação, inspirando outras comunidades de fé e iluminando o caminho para um mundo mais justo.

Que esta revista seja mais do que palavras; que seja uma semente plantada em nossos corações, germinando em ações concretas de transformação. Que cada leitor e leitora se sinta chamado/a a ser um/a agente de transformação, construindo uma sociedade onde a dignidade de cada pessoa seja reconhecida e celebrada, independente da cor de sua pele. Com esperança e fé renovadas, sigamos juntos/as, certos/as de que a vitória sobre o racismo é possível, um passo de cada vez, rumo ao Reino de Deus. Que possamos, juntos/as, sermos a resposta viva à oração de Jesus: "Para que todos sejam um."

